

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PEDRO MATTOS BERANGER

Topologia e psicanálise:

Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma.

RIO DE JANEIRO

2011

FOLHA DE ROSTO

Pedro Mattos Beranger

Topologia e psicanálise:

Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly

Rio de Janeiro
2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

Pedro Mattos Beranger

Topologia e psicanálise:
Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em

Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly - UFRJ

Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal - UFF

Prof. Dr. Luís Alfredo Vidal de Carvalho - UFRJ

RESUMO

BERANGER, Pedro Mattos. Topologia e psicanálise. Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Com este trabalho propomos abordar a relação da topologia com a psicanálise, partindo do interesse desta por outros campos, sobretudo pela lingüística. Atravessamos pela polêmica a respeito deste vínculo nos direcionando quanto à sua especificidade e implicações imediatas, principalmente no que diz respeito ao conceito de estrutura como balizador de nossos esforços, para, finalmente, chegar a apresentar os dois capítulos do uso da topologia na psicanálise. Especialmente nos ensinamentos de Jacques Lacan, sua topologia é feita de dois capítulos bastante heterogêneos. Em um primeiro momento, utiliza uma topologia que está no domínio da geometria que não a algébrica e das quatro superfícies desta disciplina que se chama classicamente *Analisis Situs*. Tratam-se da Banda de Moebius, do Toro, da Garrafa de Klein e do Cross-cap. Em um segundo momento, estão os nós e, mais precisamente, o Nó Borromeano, capítulo de seu ensino muito mais complexo e recente, apoiado em uma matemática não acabada, diferente da anterior. Dessa forma, fundamentado no último ensino de Lacan, dado quando a topologia ganha maior ressonância num esforço em colocar, além de outras, a questão da constituição do sujeito do inconsciente, apresentamos o que se costuma chamar de topologia do sujeito apontando a banda de Moebius e sua intrínseca relação com o que o dado autor batiza de oito interior, para trazer à cena a não substancialidade do sujeito, suas definições e o oito interior como direção. Assim, discutimos a imprescindibilidade da topologia no ensino de Lacan sob o pretexto de que ele seria pouco interessante e não relacionado com a experiência analítica; a não substancialidade do sujeito do inconsciente, levantando a discussão a partir do cogito cartesiano e da empreitada de Sartre no mesmo caminho; e a colocação do corte chamado oito interior e suas implicações para a definição do sujeito do inconsciente. Tudo isso para julgarmos a relação entre a subversão do espaço euclidiano para o moebiano para compor a subversão do conceito de sujeito dado pela psicanálise. Sujeito que deve ser pensado em dois lugares topologicamente definidos, pois quando aparece de uma determinada forma deve desaparecer de outro lugar, posto que é uma escapada. Peculiaridade oposta à unidade subjetiva, ela impede pensarmos a estrutura do sujeito como reduzida ao círculo ou à esfera, representações suficientes ao caso animal em equilíbrio com o seu meio. Para alcançar tal condição, tomamos o que Lacan chama oito invertido como conceito fundamental. Além de ser a figura mínima para separar do círculo e da esfera a referência à estrutura do sujeito, ele nos remete às noções de corte – suporte não substancializado – e de extimidade. Cunhada por Lacan, ela é dada em um paradoxo onde dois termos vinculados. Embora sejam incompatíveis no mesmo espaço, estão correlacionados e são antinômicos ao mesmo tempo. Um tipo de relação que perturba as relações espaciais clássicas. Além dos aspectos mencionados, no fim do presente trabalho apresentamos algumas reflexões a respeito da relação estabelecida no HCTE entre os saberes que o engendram com a psicanálise, pois acreditamos serem imprescindíveis para a boa realização do mesmo na via da interdisciplinaridade.

Descritores: Topologia, Psicanálise, Estrutura.

RESUMEN

BERANGER, Pedro Mattos. *Topología y Psicoanálisis. De la subversión del espacio al sujeto como corte y la tira de Mobius como paradigma*. Rio de Janeiro, 2011. Disertación (maestría en História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Con este trabajo nos proponemos abordar la relación de la topología con el psicoanálisis, partiendo del interés de esta por otros campos, particularmente por la lingüística. Nosotros hemos atravesado por la controversia en relación de este vínculo direccionándonos a la su especificidad y consecuencias inmediatas, con especial atención a la noción de estructura como baliza de gran parte de nuestros esfuerzos, para, finalmente llegar a mostrar los dos últimos capítulos de la utilización de la topología en psicoanálisis. Especialmente en las enseñanzas de Jacques Lacan, la topología se hace de dos capítulos muy heterogénea. En un primer momento, utiliza una topología que está en el campo de la geometría que no la algebraica y de las cuatro superficies de esta disciplina que se llama clásicamente *Análisis Situs*. Estas son la banda de Moebius, el toro, la botella de Klein y el Cross-Cap. En un segundo momento, están los nodos y, más precisamente, el nodo borromeo, capítulo de su enseñanza mucho más compleja y reciente, apoyado en una matemática no terminada, diferente de la anterior. De esta forma, basada en la última enseñanza de Lacan, dada cuando la topología gana mayor resonancia en un esfuerzo por incluir, entre otras, la cuestión de la constitución del sujeto del inconsciente, presentamos lo que se acostumbra llamar de la topología del sujeto apuntando la banda de Moebius y su relación intrínseca con lo que el dado autor bautiza ocho interior, para traer el tema de la no sustancialidad del sujeto, sus definiciones y el ocho interior como dirección. Así, debatimos el papel de la topología en la enseñanza de Lacan con el pretexto de que él sería poco interesante y no relacionado con la experiencia analítica; la no sustancialidad del sujeto del inconsciente, levantando la discusión a partir del cogito cartesiano y de la obra de Sartre en el mismo camino; y la colocación del corte llamado interior y sus implicaciones para la definición del sujeto del inconsciente. Todo esto para juzgar la relación entre la subversión del espacio euclidiano para el moebiano para componer la subversión del concepto de sujeto dado por el psicoanálisis, principalmente por la enseñanza de Lacan. Sujeto que debe ser pensado en dos lugares topológicamente definidos, porque cuando aparece en forma particular debe desaparecer de otro lugar, ya que es una escapada. Peculiaridad opuesta a la unidad subjetiva, ella impide considerar la estructura del sujeto como reducido al círculo u a la esfera, representaciones suficientes al caso animal en equilibrio con su medio. Para lograr tal condición, tomamos lo que Lacan llama ocho invertido como concepto fundamental. Además de ser la figura mínima para separar del círculo y de la esfera la referencia a la estructura del sujeto, plantea los conceptos de corte – soporte no sustancializado – y extimidad. Acuñado por Lacan, él es dado en una paradoja donde están vinculados dos términos, además de que son incompatibles en el mismo espacio. Están correlacionados y son antinómicos al mismo tiempo. Un tipo de relación que perturba las clásicas relaciones espaciales. Además de los aspectos mencionados al final de este trabajo presentamos algunas reflexiones sobre la relación que se establece en el HCTE entre los diversos saberes que lo engendran con el psicoanálisis y sus problemas, porque creemos que son esenciales para la correcta ejecución de lo mismo en la dirección de la interdisciplinaridad.

Descriptores: Topología, Psicoanálisis, Estructura.

INTRODUÇÃO.....	1
1 TOPOLOGIA E PSICANÁLISE.....	5
1.1 O INTERESSE CIENTÍFICO DA PSICANÁLISE E O INTERCÂMBIO COM OUTROS CAMPOS.	5
1.2 TERRA PROMETIDA? NOVA ESTÉTICA TRANSCENDENTAL?	7
1.3 A TOPOLOGIA NO ENSINO DE LACAN.....	9
1.3.1 O sentido mortal e o jogo que justifica a estrutura. Os primórdios.	10
1.3.1.1 O círculo e a esfera estão para o animal assim como o anel está para o sujeito do inconsciente.	11
1.3.2 Topologia do significante.	12
1.3.3 Os dois capítulos da topologia de Lacan.	15
1.3.3.1 Os objetos.	15
1.3.3.2 Os nós.	16
2 TOPOLOGIA E SUAS VICISSITUDES.	18
2.1 DE LEIBNIZ A BOURBAKI.	18
2.2 O JOGO DAS TRANSFORMAÇÕES E AS NOÇÕES DE ESPAÇO E ESTRUTURA.	19
2.3 DO CORTE.....	23
2.3.1 ... às estruturas.	24
2.3.1.1 A banda de Moebius.	24
2.3.1.2 O toro.....	29
2.3.1.3 O cross-cap.	32
2.3.1.4 A garrafa de Klein.....	36
2.4 DAS SUPERFÍCIES AOS NÓS.	38
2.4.1 O nó borromeano, o nó de trébol e as superfícies moebianas.	40
3 A TOPOLOGIA DO SUJEITO.....	43

3.1 A TOPOLOGIA DO SUJEITO QUE DÁ CONTA DE SUA CONSTITUIÇÃO: A BANDA DE MOEBIUS.	43
3.1.1 A topologia se funda no significante.	44
3.1.2 Do sujeito sem substância.	45
3.1.3 A não substancialidade do sujeito, suas definições e o oito interior como direção.	46
3.1.4 O oito interior, a banda de Moebius e a estrutura do sujeito como corte.	48
4 SUBVERSÃO DO ESPAÇO, SUBVERSÃO DO SUJEITO. CONCLUSÕES.	54
5 REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES: O HCTE NO DIVÃ.	55
BIBLIOGRAFIA:	59

Introdução

Com este trabalho propomos traçar a relação da psicanálise, mais precisamente a de tradição francesa sob os ensinamentos de Jacques Lacan, com as matemáticas. Para tal, nos debruçaremos sobre a curiosa utilização da topologia em seus ensinamentos baseados na suposição de que ela permite a eles não somente a investigação sobre sua *práxis*, mas, sobretudo, a reflexão sobre seus próprios fundamentos.

Dessa forma, nosso tema central é a relação da psicanálise com a topologia e seus desdobramentos referentes ao estatuto do sujeito na obra de Lacan. Endereçada a reformular sua fundamentação epistemológica, entendemos que tal *affair* se dá no esforço, sempre presente, de descontaminação do saber psicanalítico do biológico/ambientalismo proveniente da psiquiatria e da psicologia. Programa, aliás, que é marca da entrada de Lacan no território psicanalítico.

Tema nascido do desejo de se investigar o que esse romance iniciado por Lacan traz ao território em palco, nossa decisão pela proposição aqui tratada também passa pela provocação de debruçar-se não somente sobre a obra desse autor tão falado pelos seus escritos considerados herméticos, mas, sobretudo, pela curiosa excitação que tal relação nos traz.

Aparentemente distante das questões relativas ao campo psicanalítico, os elementos trazidos da matemática vão cada vez menos se mostrando ilustrações para cada vez mais presentificarem-se como essenciais tanto à sua prática como aos seus fundamentos.

Diante disso, pesquisando o tema central já citado, chegamos ao problema de como melhor colocarmos o estatuto do sujeito na obra de Lacan.

No presente trabalho pretendemos atingir como resultado final a assertiva de que o uso que o autor faz da topologia em seus ensinamentos presta-se à subversão do conceito de sujeito. Segundo compreendemos, Lacan, no esforço de diferenciação entre o eu e o sujeito do

inconsciente, presta-se de uma superfície dada pela topologia chamada banda de Moebius que guarda características peculiares, que serão discutidas ulteriormente, para expor a fundação do sujeito do inconsciente segundo sua lógica.

Por tudo isso, o presente trabalho foi formulado na ânsia de se retomar a distinção radical que é devida a esse conceito chave da psicanálise, o sujeito do inconsciente. Além de ser endossado, na pretensão de darmos alguma contribuição ao desenvolvimento da área, à tradição que vê na relação da psicanálise com as matemáticas caminho fértil, repleto de desdobramentos. Pois, como se pode constatar dada a quantidade de boas reflexões disponíveis, vem oferecendo elementos cruciais tanto à sobrevivência como à (re)elaboração de novos rumos e problemas a ambas.

Assim, para que nosso trabalho pudesse ser realizado, contamos com a revisão bibliográfica como metodologia visitando diversos autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller, Marc Darmon, Jean-Michel Vappereau, Jeanne Granon-Lafont, dentre outros.

Antes de prosseguir, faz-se mister apontar que no presente trabalho, mesmo que em seu escopo haja a discussão a respeito dos diferentes capítulos do que se convencionou chamar de topologia lacaniana, que acompanham tanto as superfícies topológicas - a banda de Moebius, o Toro, o Cross-cap e a garrafa de Klein-, como os nós - cada um respondendo a problemas da teoria que não são exatamente os mesmos - decidimos limitarmo-nos à discussão mais pormenorizada da utilização da banda de Moebius no ensino de Lacan. Pois, entendemos que ela é decisiva na análise do estatuto do sujeito do inconsciente em seu ensino.

Ademais, dado o terreno onde a presente dissertação se deu, a saber, no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), um programa pretensamente interdisciplinar onde o convívio com outros saberes, sobretudo os

das “ciências duras”, se dá constantemente, avaliamos na época da elaboração do presente que seria de grande relevância reforçar a descoberta freudiana e seus posteriores desdobramentos realizados por Jacques Lacan numa tentativa de colocá-la na direção de alguma articulação possível, face à impressão, sempre presente nas discussões, relativa à subutilização do saber psicanalítico sempre fadado a uma posição inferior na hierarquia dos saberes. O que acabou nos levando à discussão da efetiva ou não realização da proposta interdisciplinar do citado programa utilizando-nos, para isso, das consequências trazidas pela chamada “prática entre vários” surgida nas instituições que seguem a orientação lacaniana.

Dessa forma, nosso trabalho organiza-se em quatro capítulos.

No primeiro, intitulado **Topologia e psicanálise** - defendido, em sua maioria, no 3^o Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia – 2010 - e aceito para posterior publicação científica - discutimos o interesse científico da psicanálise e o intercâmbio com outros campos que remonta desde Freud; contrastamos duas visões presentes na bibliografia pesquisada a respeito da utilização da topologia por Lacan para, enfim, escolhermos uma; traçamos os caminhos dessa utilização na direção do conceito de estrutura como aquele que nos daria suporte para nossa investigação; além de esquematizarmos dois capítulos distintos na topologia lacaniana.

No segundo capítulo, **Topologia e suas vicissitudes**, documentamos um breve histórico que guarda o surgimento e o desenvolvimento da topologia de Leibniz a Bourbaki; discutimos a noção de espaço evocada pela topologia, suas transformações e definições; desenvolvemos a passagem do corte às superfícies, posteriormente apontando-as, e delas aos nós.

No terceiro capítulo, chamado a **Topologia do Sujeito**, apresentado e discutido sob o título *A topologia do sujeito. O oito interior, a banda de Moebius e a estrutura do sujeito como corte*. no IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise. Dez-

encontros entre filosofia e psicanálise #4 na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP/MG, concentramos a discussão na área comumente intitulada pela psicanálise como a Topologia do Sujeito para pormos em questão a relevância da banda de Moebius para a delimitação do sujeito do inconsciente nos ensinamentos de Lacan, passando pela ressalva da não substancialidade do sujeito que aponta para o que o mesmo intitulou como o interior na sua relação com a banda de Moebius e a estrutura do sujeito como corte.

Reflexões que acabaram por levantar a subversão do espaço inferida pela topologia como paradigma à subversão do conceito de sujeito realizada pela psicanálise, foco do breve capítulo **Subversão do espaço, subversão do sujeito. Conclusões.**

No quinto e último capítulo, **Reflexões e provocações**, apresentamos algumas reflexões a respeito da relação estabelecida entre os diversos saberes presentes no bojo do programa de pós-graduação onde nos encontramos apontando a “prática entre vários” como pano de fundo na análise da produção acadêmica sob aspirações interdisciplinares.

1 Topologia e Psicanálise.

1.1 O interesse científico da psicanálise e o intercâmbio com outros campos.

O intercâmbio com outras disciplinas é tendência presente desde Sigmund Freud em O Interesse Científico da Psicanálise, 1913. Logo, “Freud sempre defendeu a ideia do pertencimento da psicanálise ao campo epistemológico das ciências naturais (...) não cogitando sua inclusão entre as então denominadas ciências do espírito, (...)” (Boff, 1996 apud Boff, 2006, p. 17) Como não poderia deixar de ser, na mesma direção na obra de Jacques Lacan vemos uma grande aproximação em relação à linguística.

A entrada de Lacan no território psicanalítico parte de um lugar periférico em relação aos fenômenos comumente trabalhados pela psicanálise. Insatisfeito com as hipóteses organicistas e sociológicas com relação à loucura, o então jovem médico encontra na psicanálise um campo mais rico. Porém, seria preciso, também, descontaminar a psicanálise do biológico/ambientalismo proveniente da psiquiatria e da psicologia.

Com a convicção de que as insuficiências desses saberes não eram meramente conceituais e metodológicas, lançou-se à ambição de discutir os fundamentos para, então, dimensionar e estabelecer a natureza do fenômeno de que trata a psicanálise: o inconsciente e o sujeito. Os quais são redefinidos no sintagma¹ sujeito do inconsciente.

Trata-se, então, de uma derivação epistemológica, não metodológica, posta à psicanálise. Derivação a qual destaca o esforço de ruptura de seus estudos em relação à tradição psicanalítica. Assim,

“com exceção da vertente lacaniana, as grandes correntes teóricas da psicanálise do

¹ Sintagma é um segmento linguístico que expressa uma relação de dependência.

século XX (a Psicologia do ego e os desenvolvimentos teóricos de Klein, Bion, Winnicot e Kohut) não se ocuparam de maneira significativa em assentar a teoria psicanalítica sobre outros supostos epistemológicos.” (Boff, 2006, p. 17)

E o terreno epistemológico onde isso se deu foi, precisamente, aquele onde há a articulação da psicanálise com a linguística. Terreno o qual seria o único a merecer a denominação de ciência dentre as ciências humanas. Fundação onde o estruturalismo francês se edificou.

Fazendo notar que qualquer enunciado presume os signos que os expressam, signos que pressupõem uma linguagem estruturada pelo significante, Lacan aponta para a anterioridade da linguagem enquanto sistema.

Dessa anterioridade da linguagem como sistema que antecede, inclusive, a intenção comunicativa, onde o falante é secundário em relação a ele, Lacan indica que o sujeito é um efeito de linguagem. E, ademais, levanta a hipótese de que o discurso retrata o sujeito, o que se desdobra na famosa fórmula lacaniana: o significante representa o sujeito para outro significante.

Segundo Franklin W. Goldgrub², em *A Máquina do Fantasma*, 2001, apoiado nessa anterioridade da língua relacionando-a à primazia lógica do inconsciente em relação à consciência, linguagem e inconsciente passam a ser considerados consubstanciais.

Entretanto, ressaltamos que o que há de instigante na chamada pelo mesmo como fórmula epistemológica essencial segundo a qual o inconsciente está estruturado como uma linguagem é a presença ainda discreta do conceito de estrutura, tão caro ao nosso trabalho, uma vez que ela é marca de distinção entre a psicanálise e outros campos de saber psi. Falar em consubstancialidade, a nosso ver, nesses parâmetros, ofusca a ressalva do inconsciente ser estruturado, assim como a linguagem. Além de ser extremamente polêmica a ideia de substancialidade do sujeito que por definição é sem substância.

² Franklin W. Goldgrub é psicólogo clínico e professor da Faculdade de Psicologia da PUC/SP.

Se esta fórmula se manteve intacta mesmo quando Lacan se transportou, decidido em enfatizar as diferenças entre a linguística e a psicanálise, da linguística para a topologia foi por conta da relação que ambas possuem segundo o que podemos denominar de estrutura.

Segundo Isabel Fortes em *Estrutura e temporalidade na psicologia e na psicanálise*, 2006,

“a noção de estrutura apareceu inicialmente na matemática, da teoria dos grupos de Gallois até as chamadas estruturas matriciais de Bourbaki. A partir do começo do século XX, ganhou espaço em vários outros campos do saber. Dentre esses campos, um dos que mais trabalhou com a noção de estrutura foi a psicologia, por meio da psicologia da forma ou gestaltismo psicológico, nascido em 1912, a partir dos estudos inaugurais de Wertheimer, Koffka e Köhler, integrantes da chamada Escola de Berlim.” (Fortes, 2006, p. 193)

Na psicanálise, diferente da psicologia, a estrutura não pode ser aplicada à ideia onde o todo determina as partes. “Na psicologia a estrutura consiste (...) em todos holísticos que determinam tanto o tipo de elementos como as relações que se estabelecem entre eles.” (ibid., p. 201)

Dessa forma, Fortes nos aponta critérios que nos servem para estabelecer mais pontos de divergência quanto ao conceito de estrutura usado na psicanálise, onde ele se dá como um sistema que define as relações entre os elementos, relações que a determinam:

“O (...) critério também chamado de ‘critério local’, mostra que o sentido que o elemento simbólico tem na estrutura é estritamente da ordem de vizinhança. O elemento tem aqui uma posição que obedece a uma dimensão topológica, pela qual os elementos desempenham seus papéis segundo uma ordem de vizinhança que é da própria estrutura.” (ibid., p. 200)

Além disso,

“o diferencial, [outro] critério, é o que faz com que os elementos se determinem reciprocamente em relações. A diferença entre os elementos é aquilo que os especifica, aquilo que faz com que sejam produzidos ao mesmo tempo os elementos e as relações diferenciais.” (ibid., p. 201)

1.2 Terra prometida? Nova estética transcendental?

“Como na lenda do judeu errante, depois de escapar da tutela do biologismo e do sociologismo graças à linguagem, a psicanálise teria sido novamente obrigada a migrar (...)” (Goldgrub, 2001, p.16)

Para Goldgrub, é possível contestar o distanciamento da psicanálise e linguística.

Arriscando uma hipótese ele supõe que

“(...) Lacan teria temido a anexação da psicanálise pela linguística, na medida em que esta tem por objeto precisamente o fenômeno que fornece a base epistemológica de que a psicanálise precisou para desvincilhar-se da suserania biológico/cultural perante a qual haviam capitulado os herdeiros oficiais do freudismo (o establishment institucional) na era pós-freudiana.” (Goldgrub, 2001, p.16)

Dessa forma, a topologia constituiria um território ideal onde a desfamiliarização com a psicanálise a protegeria de qualquer pretensão de soberania sobre ela.

Por outro lado, para J.-D. Nasio³ em *Topologería*, 2007, o recurso à topologia não se trata de uma sofisticação, de um refinamento excessivo. Relaciona-se a “(...) uma nova estética transcendental conforme à experiência, não do sujeito do conhecimento, mas do sujeito do inconsciente.” (Nasio, 2007, p.10)

Ainda com Nasio, ressalta-se que Freud propôs dois mundos reais e ignotos, um exterior e outro interior, ou psíquico. E que, apoiando-se em Kant, considerou que, dos dois, só o real interior teria possibilidades de ser cognoscível.

Contudo, uma dupla observação, como nos aponta o autor, complica esta simples visão de mundos. Em primeiro lugar, se alguém pode apreender o real interno faz por intermédio de um dispositivo exterior. Este dispositivo não é o conceito, o pensamento ou o conhecimento, senão a experiência analítica mesma. Nela, estes dois mundos, aparentemente separados, se interpenetram na forma cruzada de um quiasma⁴.

Por conseguinte, em segundo lugar, Freud, no final de sua vida, chegou a conceber de outra maneira a divisão interior-exterior. Admitiu que o aparelho psíquico teria extensão no espaço e que o mesmo, por sua vez, seria a projeção deste aparato: “O espaço pode ser a

³ J.-D. Nasio é psicanalista e psiquiatra.

⁴ Um quiasma é um ponto de cruzamento entre os cromatídeos durante a divisão celular.

projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. Em vez dos determinantes a priori, de Kant, nosso aparelho psíquico. A psique é estendida; nada sabe a respeito.” (Freud, 1941 [1938], p. 336)

Dessa forma, acreditamos que, longe de ser a terra prometida, a topologia põe em questão a dualidade dos dois reais freudianos para propor um só Real, unívoco, sem divisão e impossível de representar. “(...) Onde o espaço não tem nada a ver com nenhum espaço da intuição, com nenhum espaço da estética no sentido de Kant.” (Miller, 1987 [1980], p.89)

1.3 A Topologia no ensino de Lacan.

Em um determinado momento de seu ensino, Lacan segue o abandono do recurso freudiano de evocar analogias entre os elementos da teoria psicanalítica e noções importadas das ciências naturais. Com isso,

“ao substituir estas noções, sustentadas em observações empíricas, por elementos simbólicos extraídos da matemática, Lacan está ao abrigo da pretensão estruturalista de dar, por esta via, uma fundamentação científica às chamadas ciências humanas, candidatando-se, assim, a psicanálise, ao reconhecimento de semelhante fundamentação epistemológica. A álgebra se presta especialmente a esta pretensão teórica por ser o ramo da matemática que reduz a solução de problemas à manipulação de expressões simbólicas nas quais diferentes elementos abstratos mantêm entre si uma relação necessária definida pela estrutura a que pertencem. No caso de Lacan, esta estrutura é o Inconsciente, pensado como estruturado como uma linguagem. Ele está propondo uma formalização da psicanálise, endereçada a reformular sua fundamentação epistemológica (...) (Evans, 1996: 7)” (Boff, 2006. p. 20)

Além disso, permaneceu latente ao longo de seu ensino “(...) a questão da verdadeira subversão do espaço que acompanharia a subversão do sujeito (...) que nos parece ser o substrato fundamental à topologia lacaniana.” (Rivera, 2008, p. 221)

1.3.1 O sentido mortal e o jogo que justifica a estrutura. Os primórdios.

Com Jacques-Alain Miller em *Matemas I*, 1987, temos que a topologia de Lacan está presente desde o Discurso de Roma, trabalho de 1953, onde se refere à função primordial da morte. O símbolo se manifesta primeiro como a morte da coisa, é o que nos indica Lacan, a partir de Hegel, para propor que a morte está vinculada com a emergência da ordem simbólica.

Em consequência disso, podemos deduzir que o símbolo não acompanha as coisas. Que entre ambos não há simpatia e adequação natural e sim, pelo contrário, antinomia. O símbolo eterniza a coisa, permite perdurar além de sua existência e, por exemplo, permite ao sujeito ser objeto de sua referência mais além dos limites de sua existência.

Esta análise “(...) é muito hegeliana, já que o simbólico não é correlativo ao mundo pleno, senão que opera como um esvaziamento de sua substância e da materialidade desse mundo. A materialidade dos símbolos é uma materialidade suplementar, de substituição.” (Miller, 1987 [1980], p. 80)

Voltando à questão da primazia do simbólico em relação ao falante, já anunciada no tópico 1.1, aqui ela também é fundamental, pois nos indica a inalcançabilidade do sujeito. Salvo no referente à sua morte, à sua mortificação significativa, ele é inalcançável. Ou seja, desde o início, por ser deslocado pelo símbolo, o sujeito sofre uma mortificação que fará dele um sujeito mortificado pelo significante, \$.

Porém, como localizar esta morte que pertence ao símbolo e sua relação com o sujeito? Como vimos, admite-se que este sujeito é mortificado pelo significante. O que, por conseguinte, nos leva a julgar que essa morte não é algo que está mais além da vida, mas que, contudo, é uma função instalada no núcleo da experiência da palavra. Dessa forma, devemos diferenciá-la da morte como se apresenta para o animal. É a partir dessa morte presente no sujeito, a qual ocupa um lugar central na palavra, logo, não é meramente periférica, que tudo

o que concerne à sua existência adquire seu sentido.

Essa morte é um sentido ao mesmo tempo exterior à linguagem e central no exercício da palavra onde “todos os problemas da topologia de Lacan já estão presentes (...)” (Miller, 1987 [1980], p. 80)

Em outras palavras, há em jogo um paradoxo, um ponto ao mesmo tempo central e exterior, que põe em relevo, estimamos, que a questão do sujeito refere-se ao conceito de estrutura. Nas palavras de Lacan em *La topologie et le temps*, 1978-1979: “Há uma equivalência entre a estrutura e a topologia.” Uma estrutura que funda uma disposição espacial que, longe de ser metafórica, é proposta como tendo o estatuto de real.

Portanto, onde se poderia ver tão somente uma metáfora, Lacan a institui como o que sustenta toda essa questão. Diz que a topologia representa a estrutura até o ponto de propor que é o real mesmo em jogo na experiência.

E mais, o sentido ao mesmo tempo central e exterior da morte também é marca da experiência analítica, onde encontramos em todos os seus níveis essa posição de exclusão interna.

Logo, a estranha relação entre as palavras e as coisas impulsiona a topologia de Lacan. Como vimos no presente tópico, não há mais adequação do que inadequação entre elas. E crer numa tal oposição deixaria supor que haveria dois mundos distintos que mais ou menos coincidiriam.

1.3.1.1 O círculo e a esfera estão para o animal assim como o anel está para o sujeito do inconsciente.

Em *O Aturdido*, 1972, trazido à luz por Miller, Lacan nos indica uma diferenciação crucial que nos indica que colocar as relações em jogo segundo o plano e a esfera não

bastariam. Assim, o círculo e a esfera estariam para o animal assim como o anel para o sujeito do inconsciente:

“Essa estrutura é diferente da espacialização da esfera ou da circunferência na qual alguns se comprazem em esquematizar os limites do ser vivo e de seu meio: responde melhor a esse grupo relacional o que a lógica simbólica designa topologicamente de anel.” (Lacan, 1972 apud Miller, 1987 [1980], p. 81)

Um esquematismo segundo o plano e a esfera seriam suficientes para o animal, uma vez que se pode dizer que ele está em posição concêntrica em relação ao seu meio ambiente, que ele se ajusta perfeitamente ao último. Porém, no que se refere ao sujeito as coisas não acontecem assim. O campo psicanalítico está para outras relações que não as do campo psicológico que, tal como nos aponta Lacan em Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade.”, 1960: “(...) é o conjunto das relações do organismo e do meio.”⁵

1.3.2 Topologia do significante.

Levando-se em consideração esses aspectos, fica evidente que o inconsciente põe em questão problemas topológicos e que a tese de Lacan de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem nos conduz ao significante. Recorrer à estrutura da linguagem nos parece justificado desde quando ela nos mostra que a língua só se sustenta a partir de um jogo de lugares e diferenças.

A topologia aborda o espaço desde um ponto de vista que não é quantitativo ou métrico. Como veremos melhor mais a frente no Capítulo II, ela é qualitativa. Ou seja, estuda

⁵ Como já vimos no tópico 1.1, a entrada de Lacan no território psicanalítico se dá frente à insatisfação com as hipóteses organicistas e sociológicas com relação à loucura, enveredando, então, no processo de descontaminação da psicanálise do biológico/ambientalismo proveniente da psiquiatria e da psicologia.

a relação entre diferentes lugares, relações de vizinhança, de continuidade, de fronteira, de separação e de borda. Noções que se impõem em sintonia com a ideia de estrutura, presentes tanto na psicanálise como na topologia e na linguística, o que faz mais do que justificar sua assunção.

Uma vez reconhecida a relação entre estrutura da linguagem e inconsciente, como a incidência do sujeito na estrutura pode ser inferida?

Não é porque se tenha a estrutura da linguagem que se situa, então, o sujeito. Ele aparece exterior a ela. Ou seja, mesmo reconhecida a relação estrutura da linguagem e inconsciente não se quer dizer que a estrutura do sujeito seja a da linguagem.

Segundo Miller em Matemas II, 2008, na conferência intitulada *S'truc dure*, 1985, no começo de seu ensino Lacan toma emprestado, por um lado, de Saussure e Jakobson sua estrutura da linguagem, porém, por outro, toma de Hegel, via Kojève, a estrutura da palavra. A qual não há simetria entre locutor e ouvinte, como já comentado no tópico 1.3.1.

Há, portanto, “(...) no começo, duas estruturas: a estrutura da linguagem e (...) esta estrutura da palavra. O esforço teórico de Lacan (...) é chegar a fazer uma dessas duas estruturas.” (Miller, 2008 [1985], p. 100)

Voltando à questão colocada por Lacan: “à estrutura da linguagem uma vez reconhecida no inconsciente, que classe de sujeito podemos concebê-lo?” (Lacan, apud Miller 2008 [1985], p. 101) temos que não podemos concebê-lo de outra forma que não inscrição em falta. Ou seja, na cadeia significante, por exemplo, podemos reconhecê-lo no intervalo entre os significantes ou na sua descontinuidade.

E como chegamos a esta concepção que é íntima à de sujeito barrado⁶?

Em primeiro lugar, o sujeito não se funda na palavra a não ser via a ordem simbólica, como dito no tópico 1.3.1. E por isso, o sujeito não é mais que um significante do Outro. No

⁶ Sujeito barrado não somente porque dividido como efeito de significantes, mas também vacilante e confrontado com o seu próprio desaparecimento.

fim de sua precipitação ele leva uma insígnia: o que ele crê ser, crê ter uma propriedade ou um atributo. Aqui ele é um significante que o representa perante outro significante ($S_1 \longrightarrow S_2$).

Porém, antes, o que ele é desde o ponto de vista do conjunto de significantes, que aqui chamaremos de Outro? Não há outra solução que se pode dar ao sujeito a partir desta questão a não ser designá-lo como barrando o significante. “É a escritura mais simples que se pode dar ao sujeito no começo desse circuito da palavra (...): \$.” (Miller, 2008 [1985], p. 101) Para escrevê-lo, portanto, a S_1 , S_2 agrega-se \$. Isso nos obriga a assinalar nesse Outro esse sujeito barrado que o torna incompleto.

Portanto, a introdução da estrutura da palavra na estrutura da linguagem obriga que esta última seja saqueada de sua completude.

Aqui temos a oportunidade de discutir a seguinte questão: Jacques Lacan pode ser ou não considerado um estruturalista?

Em *O estruturalismo*, 1979, Jean Piaget nos aponta três domínios que tentam formalizar o problema da estrutura. Partindo da premissa da totalidade da estrutura, na seguinte passagem o autor deixa clara a distinção dos que dão forma à estrutura como total ou não: “(...) o caráter de totalidade próprio das estruturas é evidente, uma vez que a única oposição sobre a qual todos os estruturalistas estão de acordo (...) é aquela das estruturas e dos agregados, ou compostos a partir de elementos independentes do todo.” (Piaget, 1979, p.10) Mais a frente em seu texto, é apontada outra concepção que vai além dos esquemas de associação atomística e de totalidades emergentes. Existiria, portanto, “(...) uma terceira posição que é a das estruturas operatórias: [a qual] (...) adota desde o início uma atitude relacional (...) não sendo o todo senão a resultante dessas relações ou composições, cujas leis são as do sistema.” (ibid., p. 10)

Disso, logicamente poderíamos nos perguntar: Como trata Lacan a estrutura?

O conceito de estrutura em seu trabalho é essencial, como vimos no tópico 1.1, desde a fórmula essencial o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Porém, ele não é dado segundo os formalismos apresentados por Piaget. Ou seja, Lacan não o utiliza segundo sua assertiva de sua totalidade.

Dado que o sujeito não se funda na palavra a não ser via a ordem simbólica, tal como dissemos acima, ele não é mais que um significante do Outro, conjunto dos significantes. Assim, sujeito e o Outro se dão numa relação coemergente, onde aquele emerge como um significante e este como um conjunto dos significantes menos um. Dessa forma, o sujeito é signo de incompletude, sendo portanto, do ponto de vista desse conjunto, um significante que o barra em sua totalidade.

Logo, tendo em vista os aspectos observados, podemos afirmar que a estrutura para o entendimento do ensino de Lacan não pode ser concebida como completa. O que acaba afastando-o dos estruturalistas.

1.3.3 Os dois capítulos da topologia de Lacan.

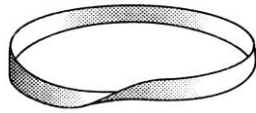
A topologia de Lacan é feita de dois capítulos bastante heterogêneos, ainda que tenham alguns pontos de contato. Cada um deles responde a problemas da teoria que não são exatamente os mesmos.

1.3.3.1 Os objetos.

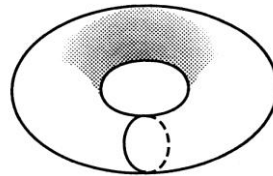
Há quatro objetos. Eles se inserem numa topologia que está no domínio da geometria

que não a algébrica e das quatro superfícies desta disciplina que se chama classicamente *Análisis Situs*.

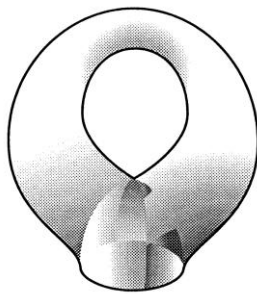
Tratam-se da Banda de Moebius, do Toro, da Garrafa de Klein e do Cross-cap.



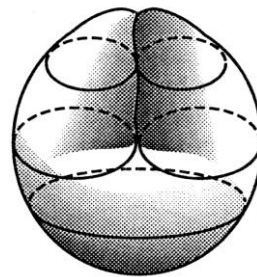
Banda de Moebius



Toro



Garrafa De Klein

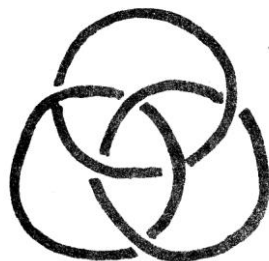


Cross-cap

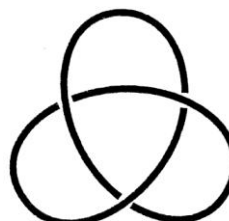
Figura de Marc Darmon

1.3.3.2 Os nós.

Em um segundo momento, como um segundo capítulo do ensino de Lacan, estão os nós e, mais precisamente, o Nó Borromeano.



Nó Borromeano



Nó de Trébol

Figura de Granont-Lafont

Capítulo de seu ensino muito mais complexo e recente, apoiado em uma matemática não acabada, diferente da anterior, o Nó Borromeano foi introduzido no seminário Mais, ainda, 1972-1973, que se transformou no seminário R.S.I., dos anos 1975-1976.

Por isso tudo, “existe uma distinção entre a primeira e a segunda vertente da topologia de Lacan, entre a topologia dos objetos e a topologia do nó borromeano.” (Miller, 1987 [1980], p. 85)

“Estudando a etimologia da palavra topologia, vemos que *topos* do grego, significa lugar e *logia* significa estudo, ou seja, o estudo do lugar. É correto conceber a topologia como uma extensão da geometria, onde se estudam as propriedades do espaço. No entanto, a topologia não se interessa nem pela métrica nem pelas proporções. Ela estuda a deformação como fundamento para a igualdade de duas figuras.”(MELO, 2007, p. 78)

2 Topologia e suas vicissitudes.

2.1 De Leibniz a Bourbaki.

Acompanhando o trabalho de Jeanne Granon-Lafont, intitulado *La topologia basica* de Jacques Lacan, 1987, podemos esquematizar um breve recorte no tempo que guarda em si o surgimento e os passos do desenvolvimento da topologia.

Novo ramo da matemática que viria surgir sob o termo *Analysis Situs*, dado por Leibniz em 1679, ele pode ser traduzido como estudo do lugar, esta nova disciplina situa-se na origem da topologia constituindo-se o “(...) ramo que formaliza as propriedades das figuras no espaço (continuidade, contigüidade e delimitações) que são preservadas sob qualquer deformação contínua.” (Boff, 2006, p. 20)

Todavia, esse novo ramo só ganha corpo com o primeiro teorema estabelecido por Euler em 1750. Com ele, na tentativa de uma nova solução, que decidimos não explorar dado o risco de tomarmos caminhos que nos afastariam da presente proposta, foi determinada uma relação constante entre os vértices, as faces e arestas de um sólido convexo e os volumes de nossa experiência cotidiana.

Moebius, em 1861, descobriu/inventou a figura que passaria à posteridade com seu nome: banda de Moebius. “Se criam assim as superfícies uniláteras, que de certo modo absorverão ramos inteiros das matemáticas e as submeterão às suas leis.” (Granon-Lafont, 1987, p. 11)

Em 1874 a ideia de que o espaço da geometria projetiva é moebiano foi sugerida por

Félix Klein e Schläfi.

Finalmente em 1948, quando Bourbaki reformula sob a noção de estrutura o conjunto dos descobrimentos/invenções matemáticos, os enumera em dois mais um terceiro grupo adicionado: a estrutura de ordem, a estrutura de grupo e as estruturas topológicas, nas quais situamos nossos estudos localizados na relação da topologia com a psicanálise, especificamente sob as contribuições dadas por Jacques Lacan.

2.2 O jogo das transformações e as noções de espaço e estrutura.

Para nós a noção de espaço é de suma importância em nosso estudo sobre a topologia lacaniana. Acompanhando Tania Rivera em Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise, 2008, temos a oportunidade de compreender que desde Freud a noção de espaço habita a psicanálise. De sua alusão tem-se que não prestamos o cuidado de nos perguntarmos a respeito das referências espaciais subjacentes nas afirmações de Freud quanto ao inconsciente. Tal seria o caso da afirmação “o eu não é mais senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917/1944, p. 295), onde o mesmo lança mão de uma referência espacial. Na qual “(...) tendemos a sublinhar o “o não é mais o senhor” (...) Esquecemos, [portando], quase, de nos colocar a pergunta: de que casa se trata?” (Rivera, 2008, p. 220) *Adaptação nossa.*

Fazendo justiça a essa peculiaridade, somando a essa citação o comentário de Freud que trouxemos no capítulo I, tópico 1.2, de que o espaço poderia ser a extensão do aparelho psíquico, não nos resta dúvidas quanto à imprescindibilidade da noção de espaço no estudo da psicanálise.

Em vista dos argumentos apresentados e para que tenhamos em mente um enfoque mais eficaz desta noção com relação à topologia, descreveremos uma pequena experiência apresentada por Granon-Lafont no texto acima citado.

“Tomem vocês uma colher e suspendam-na de uma cinta fixada em sua parte superior. Esta cinta materializa o laço da colher, nosso objeto de experiência, com o espaço.

Se fizermos dar a colher uma volta completa sobre si mesma em torno de um eixo vertical, recobre sua posição inicial, mas a cinta, inicialmente plana, acusa agora uma torção helicoidal que revela a operação efetuada.

Depois de duas voltas, e logo três, a cinta apresenta uma torção primeiro dupla, depois tripla...

Deste modo, dando uma olhada na cinta inicialmente plana, podemos conhecer o número exato de revoluções completas efetuadas pela colher.

Se agora se faz dar à colher uma volta sobre si mesma, por exemplo no sentido dos ponteiros de um relógio, e se, mantendo-a rigorosamente paralela a si mesma, se a faz passar por cima da parte vertical da cinta e se a devolve a sua posição primeira, ao pé da cinta, se comprova que esta já não oferece vestígios de torção nenhuma. Ainda que a colher não tenha mudado de orientação em nenhum momento, seu mero deslocamento anulou exatamente a revolução inicial.” (Granon-Lafont, 1987, p. 17)

Desse jogo de transformações, podemos inferir que, assumindo que a relação entre a colher e a cinta seja a mesma que guarda um objeto em seu espaço, “as relações entre os movimentos de revolução (as voltas) e os movimentos de translação estruturam o espaço e o definem.” (ibid, p. 18)

Dessa forma, podemos definir a topologia como o estudo desses espaços e de suas propriedades. Logo, não se trata de produzir um sistema que permita situar um objeto e seus deslocamentos no espaço tal como se dá na geometria euclidiana clássica. Ao contrário, trata-se de descrever, dada a invariância do objeto, o espaço mesmo.

Dado o exposto, coloca-se, desde já, a imprescindibilidade de uma tomada de consciência da mudança de perspectiva necessária para abordar a topologia, em particular a que utiliza Lacan. Pois, o espaço que é tratado, em si mesmo, não inclui a dimensão da profundidade, ou seja, não possui, em si, a terceira dimensão.

Para a topologia, portanto, a noção de espaço topológico não se limita ao espaço euclidiano clássico de duas ou três dimensões. Sua definição dispensa qualquer referência à distância, tamanho, área ou ângulo, baseando-se apenas sobre um conceito de proximidade ou vizinhança.

Para manipular essa percepção e seus efeitos ilusórios, os topólogos recorreram à seguinte ilustração, à metáfora da formiga:

“Imaginemos uma formiga à qual emprestamos o mesmo sistema de percepção que de um homem reduzido a seu tamanho. Este animal passeia por uma cinta de Moebius, superfície plana de duas dimensões, que deste modo se define em relação com seu entorno imediato. Entretanto, o horizonte, o ponto onde a banda se volta, onde se inicia sua torção, sempre em relação com seu entorno imediato, é percebido como profundidade. Ora, esta profundidade tem como medida o tempo que porá a formiga a alcançar o ponto de torção, ponto que não alcançará nunca toda vez que, quando chegue a ele, outro horizonte se apresentará sempre como terceira dimensão, como profundidade.” (Granon-Lafont, 1987, p. 18-19)

Em virtude do que foi mencionado, definindo o plano como uma superfície encerrada em uma borda, podemos afirmar que o espaço se define pela percepção da profundidade. Em outras palavras, trata-se do horizonte que sabemos não ser um limite, mas, topologicamente, o tempo que necessitaríamos para chegar a ele.

Portanto, relações estruturam o espaço, o fazem materializável. E o objeto dos topólogos é essa noção de espaço e das relações que o estruturam.

Por outro lado, os topólogos estabeleceram uma noção de espaço que é idêntica à estrutura utilizada pelas ciências humanas. Estrutura, sobretudo, presentes nos saberes já mencionados no capítulo anterior.

Porém, que não pareça que compreendemos, como Goldgrub, que a utilização da topologia veio da insuficiência da lingüística. Alguns pensam que Lacan recorre ao que encontra: primeiro à lingüística, depois às superfícies, depois à lógica, depois aos nós. Ao contrário, entendemos que é possível mostrar a necessidade da topologia, sobretudo se situarmos o problema ocupando-nos das superfícies e da estrutura.

“Devemos, portanto, rever a recepção (...) dos objetos topológicos como meros elementos ilustrativos da doutrina de Lacan. Desde o início – e antes dele, desde os tópos, os lugares psíquicos de Freud – trata-se de tomar literalmente o espaço, na reflexão sobre o sujeito. A insistência de Lacan no fato de que não se trata de uma metáfora em seu uso de figuras topológicas não pode, de fato, significar outra coisa senão que se trata também, na reflexão psicanalítica sobre o sujeito, do

espaço e de sua configuração.” (Rivera, 2008, p.220)

Assim, fazendo nossas as palavras de Granon-Lafont, 1987:

“Em última instância, tão pronto como um “esquema” possui um valor explicativo e até didático, a topologia intervém como fundamento epistemológico dos conhecimentos aportados pelo dito esquema. A Lacan cabe o mérito de procurar estabelecer esta especificidade da topologia, e de haver indicado qual uso podiam fazer dela as ciências humanas.” (Granon-Lafont, 1987, p. 23)

Mérito que desde cedo em sua obra já se expressa na famosa tese lacaniana: o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Por tudo isso, e a partir do que a psicanálise nos põe, situar a topologia no campo psicanalítico não ocorre sem as exigências internas de seu discurso.

Ou seja, ao contrário da abordagem do espaço desde um ponto de vista quantitativo ou métrico, a topologia não se interessa nem pela relação métrica nem pelas proporções. Preocupação comum e cara à psicanálise dada sua insatisfação com as hipóteses organicistas e sociológicas vigentes desde seu nascimento.

Para a topologia, duas figuras são idênticas se é possível, por uma deformação contínua, passar de uma à outra. O que quer dizer que estes objetos guardam íntima relação. Assim, um disco pode, por exemplo, variar continuamente sem modificar sua estrutura.

No entanto, em um determinado momento há uma ruptura e se opera uma passagem de uma estrutura a outra diferente. Isto por conta do fenômeno chamado corte, onde há uma transformação da estrutura, acarretando, dessa forma, uma mudança de espaço.

Conceito fundamental para o entendimento de necessidades internas ao discurso analítico, sobretudo no que se refere à aparição brusca de um acontecimento, de um ato, veremos a seguir algumas peculiaridades do corte.

2.3 Do Corte...

“Chama-se corte a uma seção feita com tesoura na superfície, partindo de um ponto de uma borda para chegar a um ponto de uma borda [...] O corte terminará quando chegarmos a um ponto da borda, seja um ponto das bordas primitivas ou um ponto das bordas novas determinadas pela passagem da tesoura.” (Appel, 1929 apud Nasio, 2007, p.72)

Lacan instala certos pontos de referência fundamentais para introduzir a topologia como estrutura do discurso psicanalítico.

A partir da leitura do livro *Ensayos Acerca de La Topología Lacaniana* de Marc Darmon, 2008, podemos interpretar que ao invés de partir das superfícies para chegar ao corte, forma como a intuição comum entende, devemos partir do último para chegarmos ao primeiro. Ou seja, que é o corte mesmo que organiza a superfície.

Partindo da lição 20 do seminário *A Identificação* de Jacques Lacan, de 16 de Maio de 1962, Darmon nos aponta que

“Nesta lição 20 do seminário, Lacan parte do significante o qual considera como corte, para introduzir a topologia. “Um significante em sua essência mais radical não pode ser considerado senão como um corte $> <$ em uma superfície...”. A topologia nos permite dar conta da essência do significante que é ao mesmo tempo descontinuidade e diferença. Descontinuidade em sua encarnação vocal, mas também escansão que se remete ao que Lacan denominou como a função da pressa na lógica⁷.” (Darmon, 2008, p. 160)

Dessa forma, as propriedades de uma superfície topológica se descobrem por seus cortes. Em outras palavras, a estrutura é fundada no corte.

⁷ *Função da pressa na lógica* é um sintagma criado por Jacques Lacan que emprega em *O Tempo Lógico e a asserção de certeza antecipada* (1945) que vai estar presente em toda a sua obra.

2.3.1 ... às estruturas.

A topologia que Lacan chama do sujeito pode ser lida no tempo em que começa a trabalhar com quatro superfícies topológicas:

- a banda de Moebius, com a qual expõe a relação do sujeito e o significante;
- o toro, para articular demanda e desejo;
- o cross-cap, que indica a relação do sujeito com o que põe o limite ao campo significante, o objeto a ; mostra a fórmula do fantasma: $\$ \diamond a$;
- a garrafa de Klein, que mostra a relação entre saber e verdade, entre S_2 e o S_1 .

Tendo em vista o que foi dito, nos próximos tópicos reuniremos algumas das principais propriedades de cada uma delas. E, posteriormente, no próximo capítulo, nos debruçaremos pormenorizadamente na importância que tem a primeira das citadas acima, a banda de Moebius, no que diz respeito à sua relação com a constituição do sujeito e sua conseqüente definição.

2.3.1.1 A banda de Moebius.

Figura fácil de construir, a banda de Moebius é uma superfície que apresenta muitos fenômenos paradoxos.

Há dois modos de construção da banda de Moebius. Para ilustrá-las tomaremos os passos de Jean-Michel Vappereau em Estofa, Las superficies topológicas intrínsecas, 1997:

“Há dois modos de construção concorrentes cuja relação mostraremos (...).

1. Identificação de um componente de borda de uma banda bipartida.

Uma banda de Moebius se produz desde uma banda bipartida



Fig.9

que se apresenta de tal maneira que um de seus componentes de borda se identifica consigo mesmo. Mostremos como é possível.

É necessária uma banda bilátera que exiba quatro semitorções,



Fig.10

e dispô-la em uma apresentação que utilize duas semitorções para fazer um anel (...)



Fig.11

As outras duas semitorções (as que não se anelam) podem deslizar-se e colocar-se nas duas voltas superiores de nossa apresentação.



Fig.12

Substituímos por dobras essas suas semitorções,

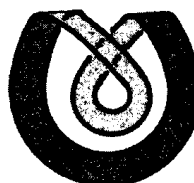


Fig.13

e obtemos a apresentação da banda bipartida que volta a fechar-se como banda de Moebius.



Fig.14

Esta identificação original de um componente de borda de uma estofa bilátera produz uma estofa unilátera.

2. A banda de Moebius produzida por identificação do quadrado

Desde logo, não desconhecemos a maneira mais difundida de construir uma banda de Moebius por identificação de dois lados de um quadrado depois de haver efetuado uma semitorção.

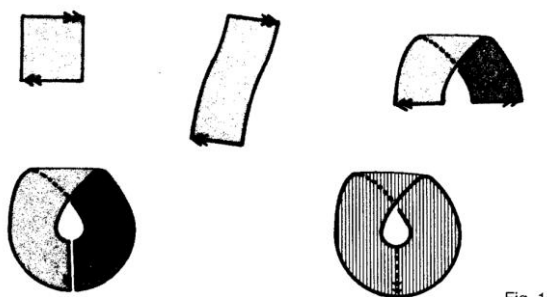


Fig.15

Por outra parte, um quadrado pode coser-se, como um pedaço de moletom, de várias maneiras que talvez até surpreendam, e dar uma banda de Moebius.

Por exemplo, identificar os pontos j , n , J , N a fim de ter uma banda de Moebius no marco desse quadrado.

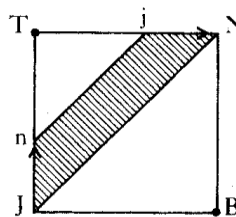


Fig.16

Isto é tão simples como no caso precedente. Consideramos que os pontos T e B sejam maiores: de fato, esses pontos não retraídos são tabletes.

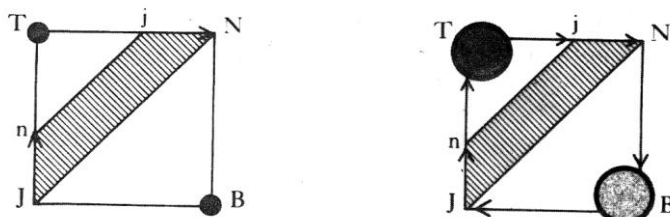


Fig. 17

Podemos suprimir a metade das bordas desses tabletes.

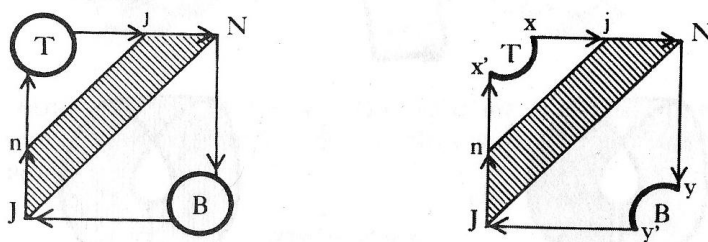


Fig.18

Podemos fazer uma deformação para obter um novo quadrado, respeitando a orientação dos segmentos da borda.

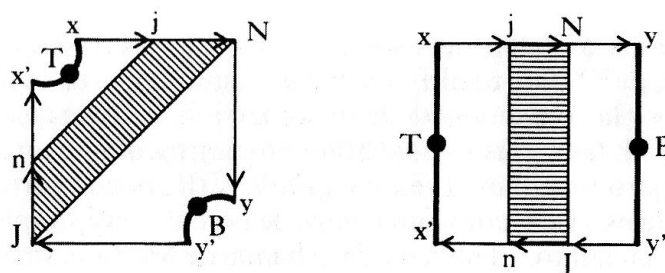


Fig. 19

E efetuamos a operação depois de haver realizado uma semitorção.

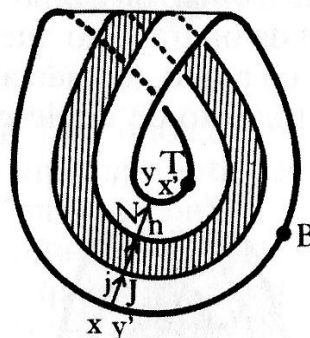


Fig.20

No qual se vê que o componente da borda única da banda de Moebius esta constituído pelo caminho $xy'yx'$. É portanto o único tablete sobre suas duas faces em T e B da Figura 17 que chega a tapar o furo específico da banda de Moebius (o furo moebiano).” (Vappereau, 1997, p. 238-241)

Uma forma mais simples de compreender como se constrói uma banda de Moebius é apresentada por Granon-Lafont. Seguindo suas palavras, temos que para construí-la “basta tomar uma tira (bonde) de papel e voltá-la a pegar sobre si mesma imprimindo-lhe um movimento de torção.” (Granon-Lafont, 1987, p.33)

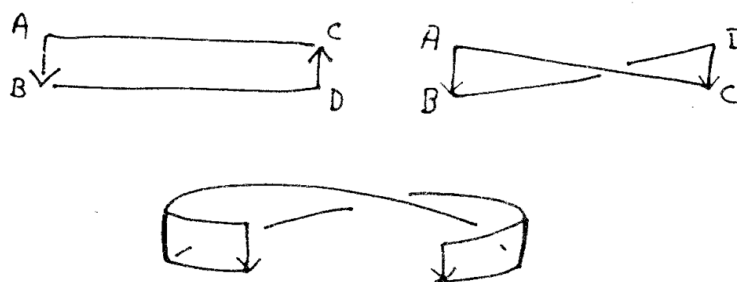


Fig. Granon-Lafont

Aqui fica perceptível que os passos sugeridos pelo autor, quando comparados com os de Vappereau, dizem respeito à primeira forma descrita pelo último. O quê nos dá uma forma mais lúdica desse processo.

Embora a banda de Moebius seja um objeto físico de fácil construção, ele apresenta, tal como dissemos, muitos fenômenos paradoxos. Um deles é fazer dar uma meia volta sobre si mesma, o que acaba por subverter nosso espaço cotidiano de representação.

Essa operação traz à luz diferentes paradoxos. Um deles é o direito e o reverso da tira de papel aparecerem em continuidade. Dessa forma, “um homenzinho ou uma formiga que marcharem sobre um dos lados desta superfície reapareceriam no revés, do outro lado, sem sequer aperceber-se desta incongruência.” (Granon-Lafont, 1987, p.33) O mesmo aconteceria se passássemos o dedo sobre sua superfície. Ou seja, ele se encontraria, depois de uma volta completa e sem haver sido levantado, sem cruzar a borda, no revés de seu ponto de partida, e depois de uma segunda volta completa, reencontraria seu ponto de partida no direito.

Outra peculiaridade interessante é que

“só um acontecimento temporal diferencia o revés e o direito, que estão separados pelo tempo de dar uma volta suplementar. A dicotomia entre as duas noções, revés e direito, não reaparece senão ao preço da intervenção de uma nova dimensão: a do tempo. O tempo, como contínuo, realiza a diferença entre as duas faces. Se já não há duas medidas para a superfície, senão uma só borda, o tempo se impõe para dar conta da banda” (ibid., p. 34)

Uma das definições topológicas da banda de Moebius se baseia nesse paradoxo. Portanto, a existência de uma só borda é fundamental. Esta banda não tem mais do que uma só borda: temos conectadas, então, as duas extremidades da banda de origem, invertendo sua

direção.

Outra articulação que esta superfície subverte é a da parte com o todo. Ela permite que o espaço convencional habitual seja inteiramente novo. Ou seja, “o todo, manifestadamente, não é sempre igual à soma das partes... A análise por partes põe em descoberta outra dimensão que não abarca o todo.” (Granon-Lafont, 1987, p. 37)

Além desse, outro paradoxo essencial, que para nos será crucial no próximo capítulo, é que o corte da banda de Moebius, no sentido do comprimento, produz um efeito que serviu também a Moebius para uma definição topológica da banda.

“Este corte não separa dois pedaços independentes um do outro; ele descreve o traçado do oito interior de uma só volta e destrói a estrutura da banda:

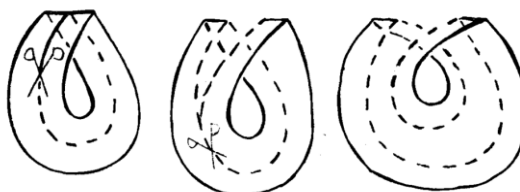


Fig. Granon-Lafont

Fica um só pedaço, duas vezes maior (...), mas que, esta vez, tem um revés e um direito. Trata-se, portanto, de uma superfície bilátera de duas bordas (...)" (ibid., p.38)

Portanto, as características essenciais da banda de Moebius desaparecem, e esta desapareição permite reduzi-la a seu corte.

2.3.1.2 O toro.

Para Vappereau, 1997, a topologia começa com o toro e sua definição para ele é que:

“O toro é a identificação dos lados orientados do quadrado F. De acordo com uma eleição de orientação que, a causa de não ser única, não é indiferente.



Fig. 1

As flechas simples e duplas que marcam os lados desse quadrado indicam as identificações que devem efetuar-se respeitando seu sentido.

Identifiquemos as duas flechas simples para obter uma porção de cilindro.

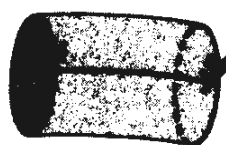


Fig. 2

Podemos torcer este cilindro da esquerda à direita e por detrás da figura para obter um anel.



Fig. 3

Os dois círculos extremos que se reúnem contém as flechas duplas, que é possível identificar.” (Vappereau, 1997, p. 158)

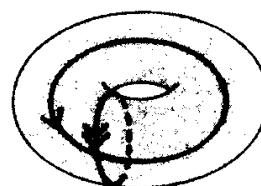


Fig. 4

Uma característica intrínseca ao toro é que ele oferece uma boa representação do grupo relacional cujo centro e exterior são um só e mesmo espaço. A superfície dele envolve um espaço interior e o separa do exterior, ao preço de um centro que segue sendo exterior. Outra definição dele, agora apontada por Granon-Lafont, nos dá uma representação mais material: “O toro se define como uma superfície sem borda, e neste sentido é equivalente à esfera, mas seu centro está vazio. A melhor aproximação física é a boia ou pneu. Também

pode figurá-lo um anel (...) o mesmo que uma xícara com sua asa.” (Granon-Lafont, 1987, p. 52)

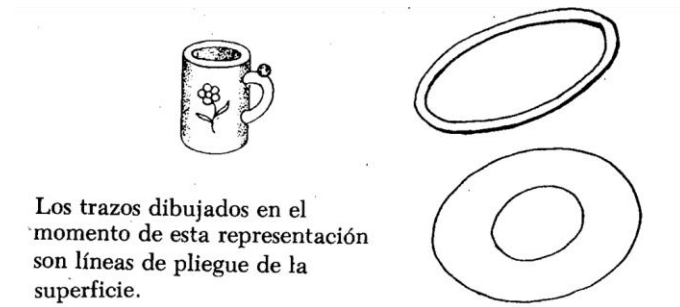


Fig.. Granon-Lafont

Continuando, o mesmo autor nos indica que podemos obter um toro compondo um círculo com outro círculo, onde um se denomina alma do toro, o interior, ou melhor, o vazio interior, enquanto o outro é um círculo pequeno ou círculo meridiano:

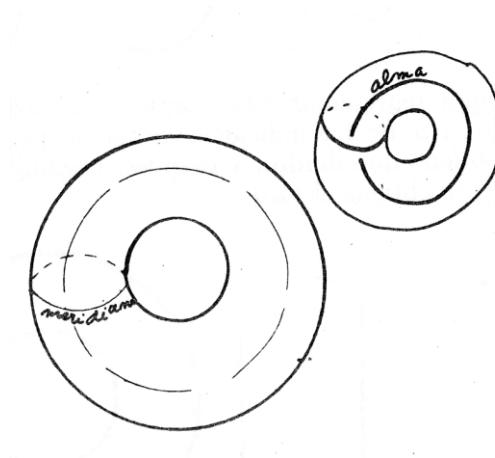


Fig. Granon-Lafont

Além dessa forma de se construir um toro há outras. Uma delas parte de um cilindro. Para isso, basta transformá-lo em asa curvando as dobras e depois encaixá-lo consigo mesmo.

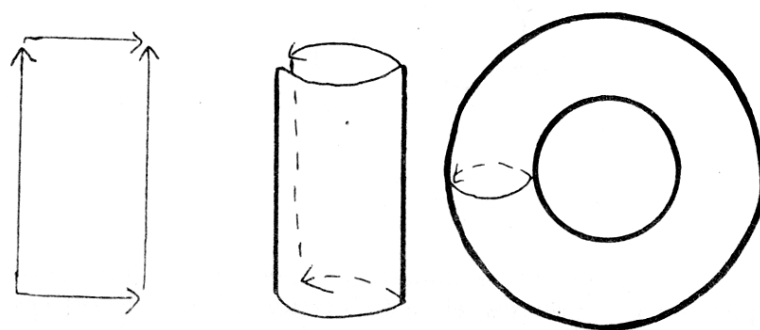


Fig. Granon-Lafont

Outra é aquela onde se parte de duas coroas bastando uni-las em suas bordas.

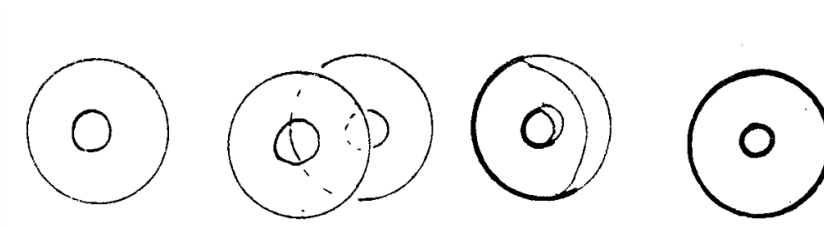


Fig. Granon-Lafont

Tendo em vista os aspectos observados, todas essas representações permitem chegar à definição do toro como uma superfície sem borda a qual dois cortes não fazem desaparecer nem dividem.

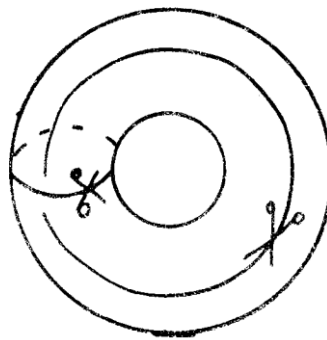


Fig. Granon-Lafont

2.3.1.3 O cross-cap.

Superfície fechada, sem borda e unilátera o cross-cap é um objeto abstrato cuja definição matemática precedeu sua representação. Embora seja uma superfície fechada, ela não delimita o espaço. Ou seja, sua superfície é contínua e dá conta do infinito do espaço.

Seguindo as palavras de Granon-Lafont temos que:

“O cross-cap é uma esfera sujeitada por uma linha de recorte. De um lado, se fecha como uma esfera, e então a linha é uma linha de dobra. O desenho representa duas espessuras de superfície postas uma sobre a outra. No entanto, na parte superior do desenho, o cross-cap se fecha invertendo essas duas espessuras. Estas se recortam segundo uma linha dupla.” (Granon-Lafont, 1987, p. 74)

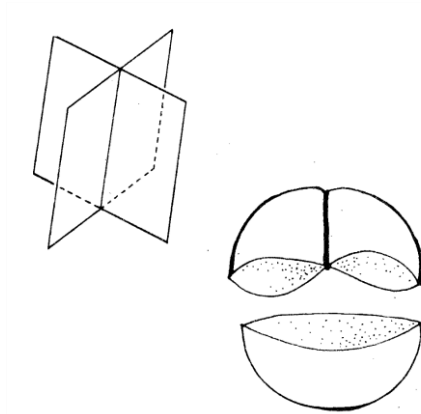


Fig. Granon-Lafont

Em seguida, o mesmo autor continua sua exposição nos apontando que

“esta estrutura possui dois pontos especialmente difíceis de pensar.
O primeiro é aquele em que essa linha dupla se interrompe. A superfície se fecha sobre este ponto.



Fig. Granon-Lafont

Quando se demarca unicamente esta particularidade, se obtém o denominado cone em oito: é um cone cuja superfície se recorta a si mesma. A linha que percorre a parte inferior do cone traça um oito alongado.

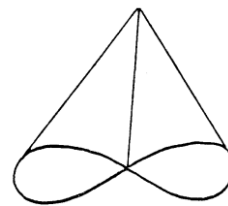


Fig. Granon-Lafont

O segundo ponto (...) é o ponto de partida dessa linha de corte. Representa o ponto do impossível de pensar, mas não de escrever. É o ponto fora da linha, ponto onde localmente se passa de uma situação em que duas superfícies são postas uma sobre a outra, a uma situação em que as duas mesmas superfícies se recortam.” (Granon-Lafont, 1987, p. 76)

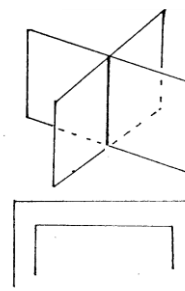


Fig. Granon-Lafont

Nessa parte do texto é chamada a atenção para o fato desse ponto resumir o conjunto das características do cross-cap. Ou seja, ele transforma um objeto bilátero em objeto unilátero. Isso por conta do recorte mencionado acima que traz como consequência pôr em continuidade a face externa com a face interna.

Dessa forma, o cross-cap, da mesma forma que a banda de Moebius, põe em continuidade o direito e o revés comunicando o interior da esfera com o exterior.

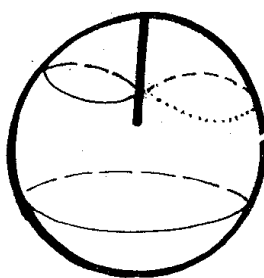


Fig. Granon-Lafont

Outro autor que nos dá esclarecimentos a respeito do cross-cap, mais especificamente quanto a sua construção, é J.-D. Nasio em *Topologería, Introducción a la topología* de Jacques Lacan, 2007.

Seguindo seus passos temos que:

“Em primeiro lugar voltamos ao nosso hemisfério com forma de calota, mas não o apoiaremos desta vez em um plano (figura 10). Afundamo-lo até que se converta em uma espécie de tigela (figura 11).

Agora tomemos sobre a borda da tigela dois pares de pontos antipódicos: por exemplo (A, A') e (B, B'). Puxando ligeiramente até em cima os pontos A, A' e até em baixo B, B' (figura 12), deformamos a tigela até obter o objeto da figura 13.

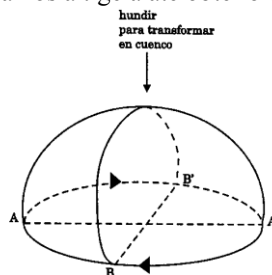
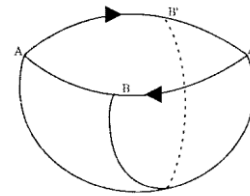


Figura 10. *Hemisferio no apoyado en un plano.*

Figura 11. *Cuenco*.

Para construir a esfera provindo de um cross-cap, não nos falta mais do que pegar de maneira cruzada os quatro segmentos seguintes da borda do hemisfério: $\widehat{AB}$ com o segmento $\widehat{A'B'}$ e $\widehat{AB'}$ com o segmento $\widehat{A'B}$ (figura 14). Insistamos em assinalar

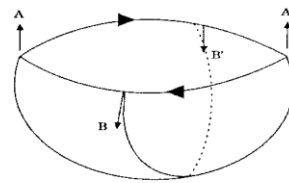
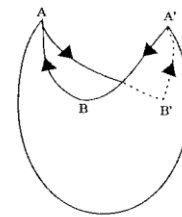
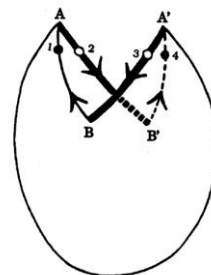
Figura 12. *Cuenco*.

Figura 13.

que se trata de uma colagem cruzada. Fechamos então o hemisfério fazendo coincidir assim todos os pontos constituintes de um dos dois segmentos da borda com todos os pontos constituintes do segmento oposto da borda, e o mesmo no caso dos pontos dos outros dois segmentos. Por exemplo, o ponto 1 ficará colado de maneira cruzada com o ponto 4, e o ponto 2 ficará colado como o ponto 3 (figura 14).

A representação topológica assim obtida é uma esfera pinçada cuja parte superior mostra claramente a sutura enquanto é uma linha vertical traçada entre os pontos A e A', que agora se converteram em um só ponto (extremidade superior da linha), e os pontos B e B', que se converteram eles também em um só ponto (extremidade inferior da linha) (figura 15).” (Nasio, 2007, p.45-49)

Figura 14. *Pegadura cruzada del segmento $\widehat{AB}$ con $\widehat{A'B'}$ y del segmento $\widehat{AB'}$ con $\widehat{A'B}$.*

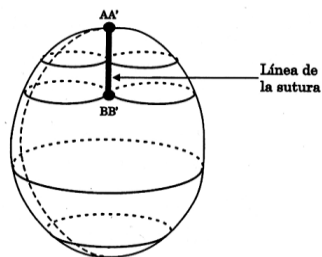


Figura 15. *Esfera provista de un cross-cap.*

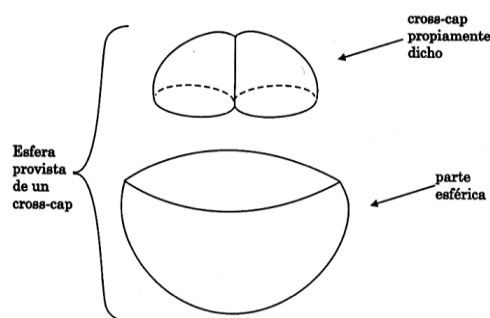


Figura 16.

Finalmente, outro fato interessante quanto a essa superfície é que ela nos traz a transformação de um objeto invisível para um visível: “em uma primeira abordagem, sua diferença reside no fato de que o cross-cap é visível, enquanto o plano projetivo não o é.” (Nasio, 2007, p.26)

2.3.1.4 A garrafa de Klein.

Última das superfícies utilizadas por Jacques Lacan, dada a peculiaridade da sua constituição se dar pela união de duas faixas de Moebius, a garrafa de Klein pode ser pensada como uma esfera na qual um túnel passa a ser uma asa. A ilustração a seguir, retirada do livro *La topologia basica* de Jacques Lacan de Granon-Lafont, 1987, nos dá uma visualização mais adequada do que queremos dizer.

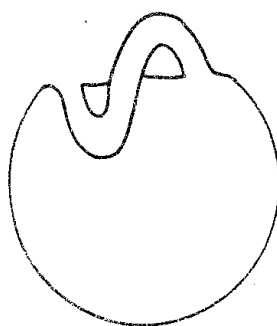


Fig. Granon-Lafont

Outra descrição possível para este objeto topológico é uma garrafa cujo fundo coincide com o gargalo fazendo um recorte em forma de círculo.

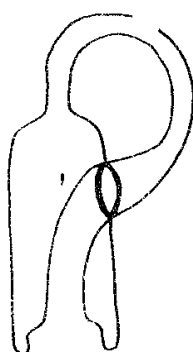


Fig. Granon-Lafont

Assim, temos uma estrutura que também põe em cena um espaço cujo interior está em continuidade com o exterior, assim como o cross-cap, onde “só um trajeto os diferencia. De tal forma que encerra um furo central (...)” (Granon-Lafont, 1987, p. 105)

Pela observação dos aspectos analisados temos que cada uma dessas estruturas, servindo para determinados conceitos psicanalíticos trazidos pela obra de Lacan a partir do seu uso preciso, dizem respeito à articulação da matemática com a psicanálise. Dessa forma, entendemos que para o último desses territórios esse romance se dá em uma necessidade. Ao contrário, muitas opiniões vêem tal relação como simples ilustrações, ou pura metáfora, ou uma espécie de pensamento lateral. A abordagem matemática nos permite dar uma definição

da operação de corte que está completamente de acordo com a experiência analítica, além de ser peça chave do argumento psicanalítico sobre a constituição do sujeito, tal como veremos no capítulo seguinte.

Até aqui, ensaiamos algumas definições dos objetos topológicos acima destacados desde a matemática e falamos de algumas de suas peculiaridades. Tudo isso para nos dar uma apreensão dessas superfícies, mas para melhor colocarmos o problema do sujeito do inconsciente.

Em virtude disso, no próximo capítulo elegemos uma delas, a banda de Moebius, para discutirmos mais profundamente o seu uso por Lacan quanto ao sujeito.

2.4 Das superfícies aos nós.

Ao longo de seu ensino, Lacan passou por distintos modos de transmiti-lo. Quanto à utilização da topologia nele podemos dizer que ele foi das superfícies aos nós. “Reconstruir a psicanálise a partir da cadeia borromeana, tal nos parece ser a aposta dos últimos seminários de Lacan.” (Darmon, 2008, p. 286) Este comentário de Marc Darmon deixa claro o quão importante foram, a partir da década de setenta, as formulações de Lacan a respeito da questão dos nós.

Acompanhando os comentários de Benjamín Domb em *La enseñanza psicoanalítica del nudo borromeo*, 1994, supostamente também poderíamos encontrar nas obras de Freud uma topologia, porém diferente da encontrada na obra de Lacan. Logo, em uma hipotética diferenciação entre o que ele chama de topologia de Freud, embora o mesmo, insistimos, não tenha explicitamente se referido a este campo tal como fez Lacan, e a deste, teríamos que aquele “(...) forçava uma certa continuidade, algo ia se transformando, a célula primitiva como ele a chamava ia adquirindo consciência pela ação de diversos estímulos exteriores ou

interiores e ia trocando sua estrutura (...)” (Domb, 1994, p. 144) Contudo, para Lacan, a estrutura, de entrada, é heterogênea. Tal é o caso de sua primeira elaboração a respeito do aparato psíquico do sujeito, onde três dimensões distintas, o Simbólico, a ordem do significante, o Imaginário que não tem nenhum laço natural com o primeiro, mas é onde se produz sentido, e o Real distinto dos outros, que escapa ao Simbólico, constituem três dimensões distintas, que se deslizam uma respeito da outra e que são independentes consideradas de dois a dois.

Dessa forma, ainda com relação à estrutura, acompanhando Granon-Lafont, temos que a articulação possível dos elementos de uma é tratada tanto com as superfícies como com os nós. Aquelas, mais especificamente, põem uma ideia mais esquemática em questão, sobretudo por sua apresentação mais espacial, tendo, assim, como fundamental a noção de espaço. Por outro lado, com relação aos nós, eles se acostam na operação do corte.

Nas matemáticas, o corte está a serviço da definição de superfícies. Classifica e as enumera. Por outro lado, como supracitado no tópico 2.3, Lacan subverte esta lógica. O que o toma é a vontade de operar as superfícies fazendo-as passar por movimentos. E o que resultou dessa subversão foi seu entusiasmo com a teoria dos nós. Pois, são eles quem põem este manejo a trabalhar.

Antes de adentrarmos nas considerações a este respeito, entendemos que um mínimo de apresentação do que é a topologia dos nós se faz providencial. Para isso, tomaremos novamente as palavras de Domb:

“Os nós se caracterizam por algo se denomina o grupo fundamental do nó, que estabelece relação com o espaço complementar do nó. A definição de grupo que se usa em topologia é um conjunto munido de uma lei de composição interna que possui uma estrutura, donde se dá uma lei associativa, um elemento neutro, um elemento inverso, propriedades comutativas, etc, etc” (Domb, 1984, p.154)

Um nó, segundo Granon-Lafont, “(...) se define negativamente pela necessidade do

corte. É nó todo entrelaçamento de fios que é preciso cortar para que desapareça.” (Granon-Lafont, 1987, p. 115) Ou seja, se cortarmos algum de seus fios os demais se liberam. Portanto é um corte mais simples do que os que se colocam na topologia das superfícies, onde questões mais complicadas se colocam.

Além disso, o corte também conduz aos nós, uma vez que há cortes sobre as superfícies que os criam.

2.4.1 O nó borromeano, o nó de trébol e as superfícies moebianas.

Um dos pontos fundamentais que aprendemos no estudo dos nós é a qualidade borromea. Ela é primordial, pois o que coloca é que a estrutura começa pelo três. Não há nó senão de três. Logo, o nó borromeano mínimo é o anodamento de três, de três circunferências ou de curvas fechadas. Fato que só vem dar consistência a afirmação que fizemos quanto à estrutura no ensino de Lacan ser de cara heterogênea no tópico acima.

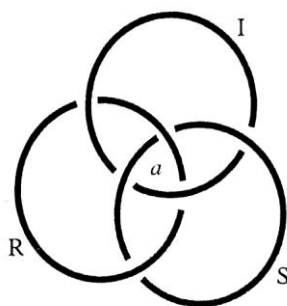


Figura de Marc Darmon

Para Darmon “o nó borromeo é a solução para o seguinte problema: Como manter unidos círculos que não formam par? Que é o que o constitui um par?” (Darmon, 2008, p. 282)

Para demonstrar isso, Darmon nos traz as figuras apresentadas abaixo onde “é fácil ver

que estes dois desenhos são diferentes. Em um caso os dois triângulos formam um par ou uma cadeia, no outro caso são independentes um do outro.” (Darmon, 2008, p. 282)

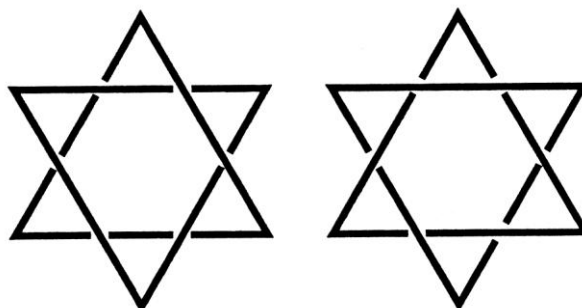


Fig. XI-4

Figura de Marc Darmon

Como três coisas distintas, ao ponto de não ter entre elas consideradas de dois a dois nenhum laço, podem apesar de tudo ligar-se a três e unicamente a três?

“Três círculos de corda independentes podem se ligar a três de tal forma que a ruptura de não importa qual deles desfaça o nó [figura XI-6]. E a manipulação desse nó mostra que cada círculo pode ocupar no nó de três qualquer lugar [figura XI-7]. Assim, na disposição onde há dois círculos extremos e um círculo intermediário, fica claro que os círculos extremos não formam par. Como cada círculo pode ocupar cada um dessas posições, não há no nó nenhum par. O nó põe assim ao alcance da mão o que propriamente resulta inimaginável.” (Darmon, 2008, p. 284)

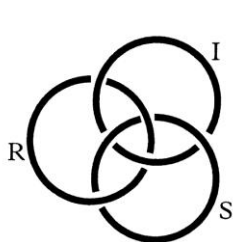


Fig. XI-6

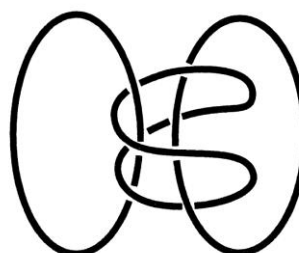


Fig. XI-7

Figura de Marc Darmon

Portanto, “o nó borromeo desempenha aqui um papel exemplar, pois é o efeito mais simples de anodamento. Um só corte e, seja qual for o número de fios em jogo, o nó desaparece.” (Granon-Lafont, 1987, p. 124)

Outro fato interessante, e que para o presente trabalho tem relevância especial, pois põe em cena a questão da topologia que dá conta da estrutura do sujeito, é que Lacan evocou que sobre o que se denomina nó de trébol, uma configuração especial, se apoia uma banda de Moebius três vezes torcida.

A esse respeito, Darmon declara que “é simples encontrar uma superfície não orientável ou moebiana, apoiando-se sobre a borda de uma cadeia borromeana [figura XI-14]” (Darmon, 2008, p. 290)

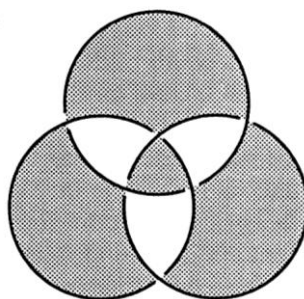


Fig. XI-14

Figura de Marc Darmon

“Após ter apoiado seu retorno a Freud na linguística saussuriana, nos anos 50, Lacan acompanhou o refluxo do estruturalismo ao se distanciar desse ponto a fim de se orientar cada vez mais na direção da topologia, dos nós, dos toros...” (Dosse, 1991 apud Boff, 2006)

3 A topologia do sujeito.

3.1 A topologia do sujeito que dá conta de sua constituição: a banda de Moebius.

Jacques-Alain Miller em *La topologia en la enseñanza de Lacan, Matemas I*, 1987, começa seus trabalhos com uma declaração que entendemos pertinente por expressar o que pensamos a respeito da relação da topologia com a obra de Lacan, sobretudo com a psicanálise: “(...) não se pode amputar o ensino de Lacan de sua parte topológica, sob o pretexto de que a mesma seria árida, pouco interessante, não relacionada com a experiência analítica.” (Miller, 1987 [1980], p. 79)

A topologia de Lacan pode ser localizada como um esforço de se desprender as relações postas nesta experiência. Relações onde a esfera e o plano não bastam para representá-las, sendo ambas utilizadas para o caso do animal, tal como apontamos no tópico 1.3.1.1.

Por outro lado, para o sujeito enquanto sujeito da palavra as coisas não ocorrem assim. Trata-se de um jogo que põe em cena um centro eferente à palavra. Um ponto ao mesmo tempo central e exterior. De onde o argumento da exclusão interna, positivada no termo elaborado por Lacan extimidade, permite refletirmos a respeito da topologia que dá conta do sujeito.

Como dizíamos, a esfera e o plano não bastam para representar as relações que dizem respeito ao sujeito, sendo ambas utilizadas para o caso do animal. “Esta é uma referência

constante de Lacan, tomada dos etólogos clássicos de fins do século XIX e começos do século XX. Um esquematismo desse tipo é suficiente no caso do animal.” (Miller, 1987 [1980], p. 83) Pois, pode-se dizer que este está em posição de perfeito ajuste com seu meio. Ora, para o sujeito enquanto sujeito da palavra as coisas não acontecem assim.

3.1.1 A topologia se funda no significante.

O subtítulo posto acima por nós é parte da argumentação trazida por Miller a respeito da topologia que entendemos importante analisar, pois daí poderemos extrair uma relação mais íntima da psicanálise, sobretudo aquela dada nos escritos de Jacques Lacan, com a matemática.

“Desse ângulo, o que tem em comum a combinatória, a topologia, incluso a teoria dos conjuntos ou a teoria das classes? O que tem em comum com o que se apresenta como rede, como axioma, etc.?” (ibid, p. 86)

Ambas têm em comum necessitarem para funcionar duas dimensões. E o que isso representa para nós? Que o inconsciente é um ser de superfície. Ou seja, que ele não é algo que alguém tenha dentro de si. Ele não é uma interioridade. E a topologia deve nos conduzir por um caminho no qual o inconsciente é sem substância. O que nos remonta a crítica que fizemos no tópico 1.1 quanto à consubstancialidade referida por Goldgrub em *A Máquina do Fantasma*, 2001, entre o inconsciente e a linguagem. Dessa forma, “(...) não cabe concluir que todo o campo da psicanálise se reduz ao que é significante (...)” (ibid, p. 86)

3.1.2 Do sujeito sem substância.

Segundo Miller, outro êxito do uso da topologia por Lacan foi elaborar o sujeito sem substância. Sujeito e substância não são sinônimos e ambos os termos têm seu funcionamento particular, ao contrário daquele que foi tratado como substancial, aquele que resiste, um sujeito instintual.

Dessa forma, “(...) o sujeito não substancial se sustem em Lacan na topologia e na lógica. Voltamos a encontrar o sujeito mortificado pelo significante baixo as espécies do sujeito sem substância (...)” (Miller, 1987 [1980], p. 88)

Outra forma de colocarmos a questão do sujeito que estamos tratando aqui, a saber, o sujeito sem substância, é pensarmos que ele também é o sujeito cartesiano. O qual Lacan coloca como o sujeito mesmo da psicanálise, aquele que não é mais que pontual uma vez evacuada todas suas propriedades e representações. Um sujeito que de modo algum é alma, que não está relacionado com nenhuma natureza, um sujeito desgarrado de todas as aderências naturais.

“Lacan formula (...) que o sujeito do inconsciente freudiano, esse sujeito que aparentemente é muito diferente de um cogito, é o sujeito da ciência, é o sujeito pontual e desvanescente de Descartes.” (Miller, 1988, p.51) Acompanhando o raciocínio de Miller em *Percurso de Lacan*, 1988, temos que é um erro pensar que o cogito de Descartes constitua-se numa identidade. Para a psicanálise estender a identidade específica do cogito a toda esfera psíquica, tal com faz a psicologia é um abuso. Isto porque ele só surge, a partir da dúvida hiperbólica onde todas as representações são esvaziadas, como resíduo dessa operação.

“Nesse sentido, para acompanhar a argúcia de Lacan sobre o tema, a evidência é a de um sujeito esvaziado (vidé-evidé) que não existe, de modo algum, como uma esfera que implicaria um monte de representações, de qualidades e propriedades diversas, mas sim como um simples ponto desvanescente, já que, como

diz Descartes, “eu sou, eu penso”, mas... por quanto tempo? Só no instante em que penso.” (Miller, 1988, p. 50)

Outro autor que contribuiu para a delimitação do estatuto do sujeito como sem substância foi Sartre. Diante disso, Miller nos traz a influência que Sartre teve sobre Lacan no êxito de um estatuto de total desubstancialização do sujeito:

“Alguém que se apoia em Descartes tentou elaborar o sujeito sem substância, alguém que não careceu de influência sobre Lacan, quem tentava rechaçar a promoção da psicanálise do eu na experiência analítica realizada pelos anglo-saxões. Me refiro a Sartre, que é uma das referências de Lacan no início do Seminário II, que contribui ao êxito de um estatuto extremo do sujeito, um estatuto de total desubstancialização que é uma intuição do Sartre. Opõe, por um lado, o em-si, o ser como o que é, que é uma definição de Lacan no seminário III, quando fala da psicose, dizendo que nela se trata do real como o que é, como em-si sartreano. Por outro lado, há outro tipo de ser, o ser da consciência, que é muito difícil de delimitar, pois está por ser o que é.” (Miller, 1987 [1980], p. 88)

Assim, podemos arguir que há um parentesco no esforço sartreano com Lacan quando tentou captar o estatuto do sujeito. Sujeito sem substância que, portanto nada tem a ver com o imaginado

“(…) homúnculo que, há muito tempo, é representado de cada vez que se quer fazer psicologia – de cada vez que se dá conta da inanidade ou da discordância psicológica pela presença, no interior do homem, do famoso homenzinho que o governa, que é quem dirige o carro, o ponto dito, hoje em dia, de síntese.” (Lacan, 1998 [1964], p. 135)

Que também pode escrever-se com a ajuda do que Lacan chama a sigla geral na Banda de Moebius, o oito invertido, tal como veremos adiante.

3.1.3 A não substancialidade do sujeito, suas definições e o oito interior como direção.

Diante tudo isso, temos que a topologia é fundamental para o entendimento do sujeito do inconsciente. Mais ainda, ela é essencial para a sua sustentação como sem substância. Abordado desde seus matemas como tal, Lacan encontrou, também, “(…) na teoria dos jogos,

na teoria dos conjuntos, de forma mais ampla na combinatória da topologia, com que segurar a subsistência do sujeito sem substância alguma (...)” (Miller, 1987 [1980], p. 89)

Na direção da condição adscrita ao sujeito citada até então, segundo a psicanálise advinda dos ensinamentos de Lacan, o mesmo tem que ser pensado em dois lugares topologicamente definidos. Não podendo ser colocado em um único lugar, pois quando ele aparece de uma determinada forma deve desaparecer de outro lugar, para Lacan, ele é uma escapada. Logo, existe sempre uma duplicidade subjetiva oposta à unidade subjetiva, o que impede pensarmos a estrutura do sujeito como reduzida ao círculo ou à esfera.

Para alcançar tal condição, tomamos o que Lacan chama de oito invertido como conceito fundamental. Além de ser a figura mínima para separar do círculo e da esfera a referência à estrutura do sujeito, ele nos remete à noção de extimidade. Cunhada por Lacan em seu ensino, ele é dado em um paradoxo onde dois termos estão vinculados embora sejam incompatíveis no mesmo espaço. Estão correlacionados e são antinômicos ao mesmo tempo. Um tipo de relação que perturba as relações espaciais.

Diante disso, como dar conta dessa relação inerente à idéia de sujeito?

Por um lado, introduzindo uma barreira temporal, ou seja, situando este movimento antinômico e dizendo que ele é um movimento de pulsação. E isto foi o que Lacan colocou como a topologia do inconsciente. O inconsciente pulsátil, desde o Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1998 [1964], implica em pulsações, aberturas e fechamentos do inconsciente.

Por outro, o sujeito do inconsciente pode ser descrito a partir de um paradoxo. Mas, além disso, retornando ao que vínhamos dizendo, ele pode ser explicado pelo oito interior, onde o exterior-interior se atravessa.

3.1.4 O oito interior, a banda de Moebius e a estrutura do sujeito como corte.

Tal como nos aponta Miller:

“O oito interior é o modo mais simples de representar a autodiferença que Sartre perseguia. A autodiferenciação do significante enquanto que não pode ser significar-se a si mesmo, a autodiferenciação do sujeito enquanto que é representado por um significante em relação ao outro.” (Miller, 1987 [1980], p. 93)

Logo, a topologia serve para expor a fundação do sujeito do inconsciente segundo sua lógica. Lógica que desde Freud em *Interpretação dos Sonhos*, 1900, impede-nos de pensá-la segundo a lógica clássica.

Ou seja, retomando o que dissemos no tópico precedente a respeito da relação paradoxal que se apresenta quando tomamos o inconsciente e suas implicações, temos que a lógica que rege o inconsciente não se dá pelo princípio da identidade. Uma vez sendo representado por um significante em relação ao outro, lógica do pelo menos dois, o princípio da identidade e o princípio da não contradição não são os que imperam nele.

Para ilustrar melhor essa questão, aproveitamos o que defendemos, inspirados no texto de Luiz Sergio Coelho de Sampaio, *Lógica ressuscitada: sete ensaios*, 2000, em outra oportunidade no texto *Por uma ciência feminina*, 2009:

“O que os sonhos mostraram a Freud foi que os processos do inconsciente não eram aleatórios, caóticos, embora não se dessem da mesma maneira que os conscientes. Na luta pelo rompimento tanto com a religião do testemunho ou da confissão quanto com o ideal cientificista de sua época, que faziam classificações imperiosas, empenhou-se em como explicar duas verdades contraditórias: o inconsciente se afigurava radicalmente diverso de tudo que até então fora visado, e certamente havia um descentramento, uma excentricidade dele em relação ao consciente.

Freud só teve acesso ao inconsciente porque descortinou o modo apropriado de pensá-lo. Porém, é somente com Lacan que temos que a lógica que rege seus processos é a lógica do significante.

Que a lógica da diferença pensa o significante é uma consequência do fundamento deste como aquele que vale na medida em que se retira remetendo a outro. Por isso sua lógica é a do que não é o mesmo, mas do outro, ou seja, lógica da diferença. Consequentemente, este modo de pensamento e a lógica do significante podem ser considerados como enunciações quase sinônimas.

Neste caminho, Lacan introduziu a noção de matemas da sexuação, expressões formais que tratam da teoria psicanalítica. Usando o termo sexuação, aponta a distinção que se deve fazer entre a sexualidade humana e a animal. Longe de ser um simples fato natural, masculino e feminino decorrem de uma necessidade lógica, ligada ao assujeitamento à linguagem, à significância, e que, curiosamente, reduz a facticidade do sexo unicamente à escolha entre o todo e o não-todo fálico, que falaremos mais abaixo.

Mas, a que lógica pertencem tais matemas? Eles nos remetem à sexuação? Em primeiro lugar, Lacan, no decorrer de seus ensinamentos, nos deixa claro que não se tratam de expressões da lógica aristotélica, do terceiro excluído. São expressões advindas do cálculo dos predicados, uma forma da lógica usada para explorar relações entre conjuntos. Desta forma, tratam-se de expressões da lógica da diferença, da lógica do significante. A respeito da sexuação, em termos lógicos, o feminino remete à maternidade, ao monopólio da continuidade histórica. O que o impede que se comprometa com a transcendentalidade da consciência/projeto. Compelindo-o à opção pelo pensar intuitivo, ora paradoxal, ora intuicionista, comprometendo-se à lógica da diferença. Por isso, não está todo submetido ao regime fálico. Ou seja, não é totalmente governado pela lógica clássica ou do terceiro excluído, o que viria, justamente, instaurá-lo na função fálica. Por força de simetria, cabe ao masculino - ser próprio do cartesianismo, o ser da modernidade, com sempre algum tipo de projeto (lógico-transcendental) a serviço da eterna reprodução do mundo geometrizado/calculável (lógico-formal) - a lógica clássica. Ficando, portanto, inteiramente submetido à função fálica, sendo a castração seu destino inevitável.” (Beranger e Kubrusly, 2009, p. 02)

Tendo em mente que para o inconsciente temos que $A \neq A$ e $A=A$ funcionam simultaneamente, e retomando o que dissemos a respeito do sujeito do inconsciente poder ser descrito numa relação de exclusão interna, de extimidade, onde o outro interior, que traz como uma de suas implicações a peculiaridade do exterior-interior se atravessarem, se faz um bom argumento topológico, podemos inferir que a banda de Moebius é apropriada para dar conta da fundação do sujeito do inconsciente, do \$.

Para explicar tal inferência, em primeiro lugar é necessário retomarmos algumas peculiaridades dessa superfície.

Uma das definições topológicas da banda de Moebius, tal como vimos no tópico 2.3.1.1, se baseia no paradoxo da existência de uma só borda. Onde temos conectadas duas extremidades de uma banda de origem, invertendo sua direção, realizando-se “(...) em um processo circular não recíproco, cuja estrutura mostra a necessidade de uma função, função de corte (...)” (Cruglack, 1994, p. 44) Ou seja, ela não tem mais do que uma face. O que quer dizer que se a recorrermos dando uma volta completa se conecta o exterior no interior.

Outra delas é que, dado em outro paradoxo essencial, o corte da banda de Moebius, no sentido do comprimento, não separa dois pedaços independentes um do outro. Ele descreve o traçado do oito interior⁸ de uma só volta que destrói a estrutura da banda ficando um só pedaço, duas vezes maior, mas que, desta vez, tem um revés e um direito.

De acordo com Darmon, “se se corta uma banda de Moebius seguindo o comprimento de sua borda, se descreve por este corte uma dupla volta que separa uma banda bilátera de uma banda de Moebius central (...)” (Darmon, 2008, p. 158) Por outro lado, e aqui está a operação que nos interessa para caracterizar o sujeito do inconsciente,

“se se repete esta operação afastando-se da borda (o que imaginariamente poderia considerar-se como ir até o centro da banda), no limite o corte em dupla volta se transforma em um corte de uma só volta e somente produz uma banda bilátera. Já não há mais banda de Moebius central. De onde surge a conclusão: esta banda de Moebius é o corte mesmo.” (ibid, p. 159)

Da equivalência entre corte e banda de Moebius Lacan não só vê nesta superfície propriedades estranhas que fazem dela apropriada para simbolizar o \$, mas também alude um suporte não substancializado aonde se entende o sujeito como puro corte. Ou seja, para o mesmo, a superfície topológica que dá conta da estrutura do sujeito é a banda de Moebius.

Portanto, além dessas características, como ser ao mesmo tempo uma superfície e um puro corte e unir em todos os pontos de sua superfície verso e reverso, a banda de Moebius permite conceber um sujeito não somente como distinto do eu, mas também romper a concepção que o pensa como paralelo ao cosmo que o envolve. Ou seja, aquela onde ele é definido como um microcosmo.

Esforço imperioso de Lacan quando tentava rechaçar a promoção da psicanálise do eu realizada pela escola inglesa, a questão da diferenciação entre eu e sujeito do inconsciente foi

⁸ A propósito deste traçado, Nasio em seu trabalho, quando discute seu título, nos coloca a dificuldade que jaz na expressão oito interior ou, como também é chamado, oito invertido. Ela seria (...) ruim porque não indica claramente a que deformação da figura do número oito se refere.” (Nasio, 2007, p.73) Esclarecendo melhor a seu respeito, ele nos aponta que “(...) na realidade, trata-se de uma simples (...) dobra: o laço superior do oito se dobra sobre o laço inferior.” (idem, p. 73)

uma contribuição que configura uma inovação em relação ao ensinamento freudiano. Para Lacan, eu e sujeito não coincidem, enquanto que para Freud o eu é uma instância intrapsíquica mergulhada no sistema percepção-consciência, não havendo, sobretudo, nenhuma suposição do sujeito. Dessa forma, sua topologia vem ratificar que eu e sujeito são disjuntos.

Ademais, tomando um caminho distinto dos autores precedentes interessados na questão em discussão, entendemos que o oito interior não serve apenas às características supracitadas.

Segundo compreendemos, Lacan no esforço de diferenciação entre eu e sujeito do inconsciente denuncia o “estado do conhecimento” dado no contexto acadêmico, onde o discurso, o qual chamava de discurso da academia, se presta à consistência tanto quanto ao estatuto do sujeito, como também quanto à psicanálise e sua prática.

“O que recusamos. Precisamente porque iremos demonstrar que a função do sujeito, tal como a instaura a experiência freudiana, desqualifica na raiz o que sob esse título só faz, não importa a forma de que se revistam suas premissas, perpetuar um contexto acadêmico.” (Lacan, 1998, p.809)

Com o denominado discurso do mestre são postos em relação elementos chaves de seu ensino para nos indicar que nele o que predomina é um saber totalizante, padronizado e impermeável à questão do sujeito do inconsciente.

O oito interior materializa os diferentes momentos da relação significante. Ele suporta a função do dito com o não-dito. Ou seja, de um discurso com o que o excede.

Nele, a unidade mínima do movimento esta dada por um vetor de orientação progressiva e outro de orientação retroativa. O que o vetor $\overrightarrow{AB}$ nos mostra é que há dois estados de um acontecimento: um antes de repetir-se, em A, e quando se repete, em B. Mas, essa repetição só nos é possível conceber pois introduzimos um terceiro elemento: o simples ato de contar. Ora, se não houver contagem, nunca haverá a ideia de repetição. Antes dela A

não existia. A não seria primeiro se não houvesse um segundo, o B. Dessa forma, devemos traçar o vetor $\overrightarrow{BA}$ retroativamente e significar que B consagra A como acontecimento original.

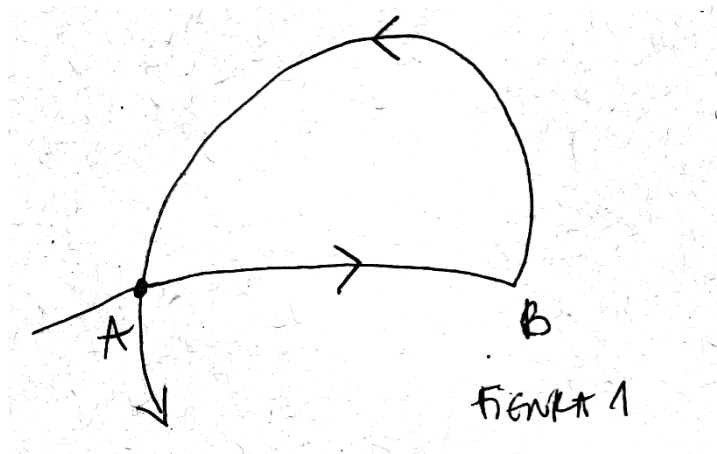


Figura do autor

A figura 2, que apresentamos o laço grande que engloba o pequeno, representa a operação de contar. Operação, aliás, que só se pode fazer como elemento de cálculo dado o traço do escrito. Traço este que não pode ser reduzido à série, uma vez que esta fora da sucessão. O que nos aponta que no enlace final dessa curva dupla, que tem a forma de um oito interior, há o cumprimento de uma relação onde algo novo surge que não pode ser concebido a não ser como algo menos, já que esta fora da sucessão.

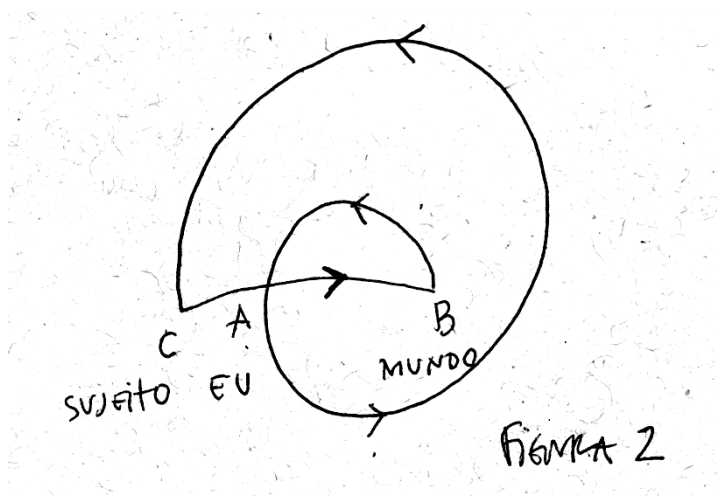


Figura do autor

Diante de tudo isso, julgamos que o traçado do oito interior também serviu a Lacan

como suporte de uma maneira outra de conceber o sujeito que não fosse a predominante no discurso acadêmico onde seu critério é a unidade do sujeito com o mundo que existe com base nos pressupostos da psicologia, “(...) como se se tratasse de um retorno de um certo sujeito do conhecimento, ou fosse preciso que o psíquico se fizesse valer como duplicando o organismo” (Lacan, 1998, p. 809) apontando que o sujeito do inconsciente está para o enlace final do objeto interior quando a relação se cumpre e faz surgir algo de novo fora do sistema, sem significação. Clamor, aliás, por um significante novo que não teria significação, elemento que fosse da ordem do real, que não fosse da ordem do imaginário nem do simbólico. Traço unário que não comportasse comparação, absoluto, separado. O que acaba por reforçar o estatuto do sujeito como incomparável, não homogêneo.

4 Subversão do espaço, subversão do sujeito. Conclusões.

Pela observação dos aspectos apresentados, podemos avaliar que o uso que Lacan faz da banda de Moebius em seu ensino presta-se à subversão do conceito de sujeito, outrora engendrado como absoluto em seu espaço.

Ou seja, temos que “não é de se estranhar que a representação do espaço seja contígua à questão do sujeito (...)” (Rivera, 2008, p. 222) E por isso a topologia torna-se imprescindível ao campo psicanalítico.

Ao contrário da configuração espacial que se toma como natural segundo uma configuração sistematizada numa geometria clássica onde o mundo se dá a ver sem falhas, espaço onde haja “(...) estabilidade do sujeito em sua relação com o mundo, capaz de gerar imagens apaziguadoras e fiéis à realidade, opõe-se a posição instável, móvel e angustiante do sujeito que, dividido, barrado, não tem mais casa (...)” (ibid, p. 222)

5 Reflexões e provocações: o HCTE no divã.

Retomando o que foi dito na introdução, o presente trabalho tem gênese no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. Um programa afeito à proposta da interdisciplinaridade onde o convívio com diversos saberes ditos “abertos” deveriam se debruçar sobre as questões e questionamentos que trazem à luz os seus limites.

A proliferação de programas interdisciplinares no contexto acadêmico e a inserção de novos saberes, contudo, até o presente, não se fizeram garantia de uma direção que solidifique realmente uma prática interdisciplinar entre os vários saberes que os integram.

Isto, podemos inferir, dado o vínculo guardado à psicanálise no âmbito do programa em que nos encontramos. Relação bastante curiosa onde é geralmente acusada de não oferecer nada de novo e de ser extremamente limitada, ela, na grande parte das vezes, é posta num patamar inferior dentro da hierarquia dos saberes.

Disso, acreditamos que a busca frenética de estabelecimento de manutenção da ordem mostra não somente uma necessidade de se excluírem as questões trazidas pelo saber psicanalítico, mas, sobretudo, a importância de se fazer a distinção radical referente ao sintagma lacaniano sujeito do inconsciente.

Em nossa passada no HCTE ficou claro que há dois modos distintos de se conceber a prática acadêmica, principalmente quando o sujeito do inconsciente aparecia em cena e acabava por ser codificado pelos saberes científico-filosóficos. Situação esta que acreditamos ser marca exemplar da relação que se estabelece com os questionamentos trazidos pelo saber psicanalítico dada sua disposição no trabalho com a noção de enigma.

O sujeito do inconsciente assusta e, especialmente, angustia os saberes que estão ao seu redor por se inserir no contexto acadêmico como um obstáculo epistemológico. Obstáculo pois mesmo com todo esforço objetivo do discurso científico-filosófico de, já numa espécie

de concessão, torturá-lo segundo seu método objetivante, mesmo no afã de se desfazer do tamanho incômodo que ele traz escondendo-o, tomando-o como objeto codificável, ele perturba a necessidade de se evitar qualquer encontro com a falta no saber.

O conceito de inconsciente não deixa de envolver uma objeção aquele discurso que se pretende completo, assim como apontado nos capítulos anteriores e que podemos aproximar ao discurso do mestre, o que em nosso caso, esta para o da academia contemporânea.

Lugar onde os saberes visam à generalização do saber, a academia, longe de interrogar o próprio saber, acusa aquele que não se adéqua ao desejo de totalidade, acusa aquele que, portanto, perturba a ordem. Nesta direção, com a generalização, podemos julgar, há a criminalização generalizada dos saberes que, numa espécie de lógica, põe todos como culpáveis futuros. Por conseguinte, e se há culpáveis futuros, cada um é um em potencial, logo, cada saber torna-se agente potencial do poder, o que acaba por estabelecer uma hierarquia dos saberes. Hierarquia onde a psicanálise, no contexto em que nos encontramos, acaba sendo posta em último escalão.

Ora, para manter a ordem, a hierarquia, o recenseamento dos diversos saberes apresenta-se como instrumento perfeito que estabelece critérios para o racionamento que toma a forma de uma realidade inexorável. Mas, se há generalização e hierarquia, entendemos, é por conta da escusa daquilo que a singularidade implica.

Diante disso, como praticar a interdisciplinaridade?

Para responder tal questão, trazemos algumas de nossas reflexões e provocações baseados na chamada prática entre vários, não somente como forma de justificar nossos esforços materializados no atual trabalho, mas para lançar uma discussão que acreditamos ser de grande contribuição ao respectivo programa.

Dispositivo analítico originado e realizado em instituições e entre vários profissionais de saúde que responde ao impasse, ele tem como objetivo antes de tudo, produzir e manter um

espaço de saber, uma ausência de saber.

Espaço de saber que compreendemos ser essencial para a colocação do problema do sujeito do inconsciente. O que só se pode fazer, de antemão, se não ocuparmos a posição de detentor do saber. Ressalva, aliás, cara à possibilidade de uma prática interdisciplinar real.

Dessa forma, entendemos a prática entre vários – não tomada como regra, muito menos como princípio, pois desejamos ao HCTE, sempre, o esforço de reinventar-se a cada caso, sob a pena de não perdurar – como direção de trabalho, especialmente por se pretender interdisciplinar.

Em um trabalho assim idealizado e realizado sob inspiração da prática entre vários, onde o padecer da certeza do saber é ponto nevrálgico, para consumir-se ética e produtivamente deve, julgamos, pensar seu funcionamento dado numa relação entre vários pesquisadores que não seja pelo diploma ou pelo saber que cada profissão carrega. Desse modo, a responsabilidade pela produção do saber científico seria exercida por cada um na instituição ocupando o lugar que lhe é próprio. E a direção dessa produção, longe de desconsiderar o saber próprio de especialidade que tem muito a somar ao desenvolvimento do trabalho interdisciplinar, procura o esvaziamento do gozo próprio de cada saber.

Assim, nesse trabalho há o estabelecimento de uma parceria para tornar possível a introdução de uma diferença, uma quebra ou mudança nas repetições, cujo efeito é o surgimento de uma abertura que inferimos ser o necessário tanto à prática interdisciplinar quanto à colocação do conceito de sujeito do inconsciente.

Portanto, entendendo que o HCTE tem, antes de qualquer coisa, a função de transmissão e transformação social, avaliamos que essa empreitada só poderá se realizar apostando nas questões e questionamentos trazidos pelo conceito de sujeito do inconsciente dado no cerne do campo psicanalítico. Ou seja, deve-se subverter a lógica político-social vigente onde há o aniquilamento, a intolerância e, o que é mais perverso, o uso leviano do

saber psicanalítico nos programas interdisciplinares presentificado no insulamento causado pela supervalorização a despeito da crescente interdependência dos saberes.

Bibliografia:

BERANGER, P. M. & KUBRUSLY, R. Por uma Ciência Feminina *In: II Congresso Scientiarum História: Encontro Luso-Brasileiro de História da Ciência.*, 2009, Rio de Janeiro.

BOFF, A. (2006). Epistemologia e topologia lacaniana. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n.149, agosto, 2006.

CRUGLAK, C. La topología de Lacan: un retorno a Freud. *In: Topología y psicoanálisis*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1994.

DARMON, M. Ensayos acerca de la topología lacaniana/Traducción del francés a cargo de Pablo Peusner - 1ª ed. – Buenos Aires – Letra Viva, 2008.

DOMB, B. La enseñanza psicoanalítica del nudo borromeo. *In: Topología y psicoanálisis*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1994.

MELO, M. I. A. Lacan e a Topologia: Um retrato da matemática sob o olhar da psicanálise lacaniana. Rio de Janeiro, 2007. em COPPE/UFRJ, M.Sc., História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2007. Dissertação.

FORTES, Isabel. Estrutura e temporalidade na psicologia e na psicanálise. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Feb. 2011. doi: 10.1590/S1516-

14982006000200003.

FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. XIII, 1990.

_____ (1941). Achados, idéias, problemas. Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. XXIII, 1990.

GOLDGRUB, F. W. A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

GRANON-LAFONT, J. La topología básica de Jacques Lacan. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión SAIC, 1987.

LACAN, J. (1960). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”. *In*: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – Um novo sofisma. *In*: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1972). O Aturdido. *In*: Outros Escritos. Tradução brasileira de Vera Ribeiro. Rio

de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____ (1964). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1978 -1979). Topologia e o Tempo, Seminário XXVI, inédito.

MILLER, J. A. La topología en la enseñanza de Lacan. *In: Matemas I*. Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1987.

_____ S'truc dure. *In: Matemas II*.- 2ª. Ed 4ª. reimp. .-Buenos Aires: Manatial, 2008.

_____ Elementos de epistemologia. *In: Percurso de Lacan. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

NASIO, J. Topologería. Introducción a la topología de Jacques Lacan. -1ª ed. – Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

PIAGET, J. O estruturalismo. Trad. Moacir R. de Amorim. São Paulo: Difel, 1970.

RIVERA, Tania. Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Feb. 2011. doi: 10.1590/S1516-14982008000200004.

SAMPAIO, L. Lógica ressuscitada: sete ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

VAPPEREAU, J. ESTOFA. Las superficies topológicas intrínsecas. Argentina: Ediciones Kliné, 1997.